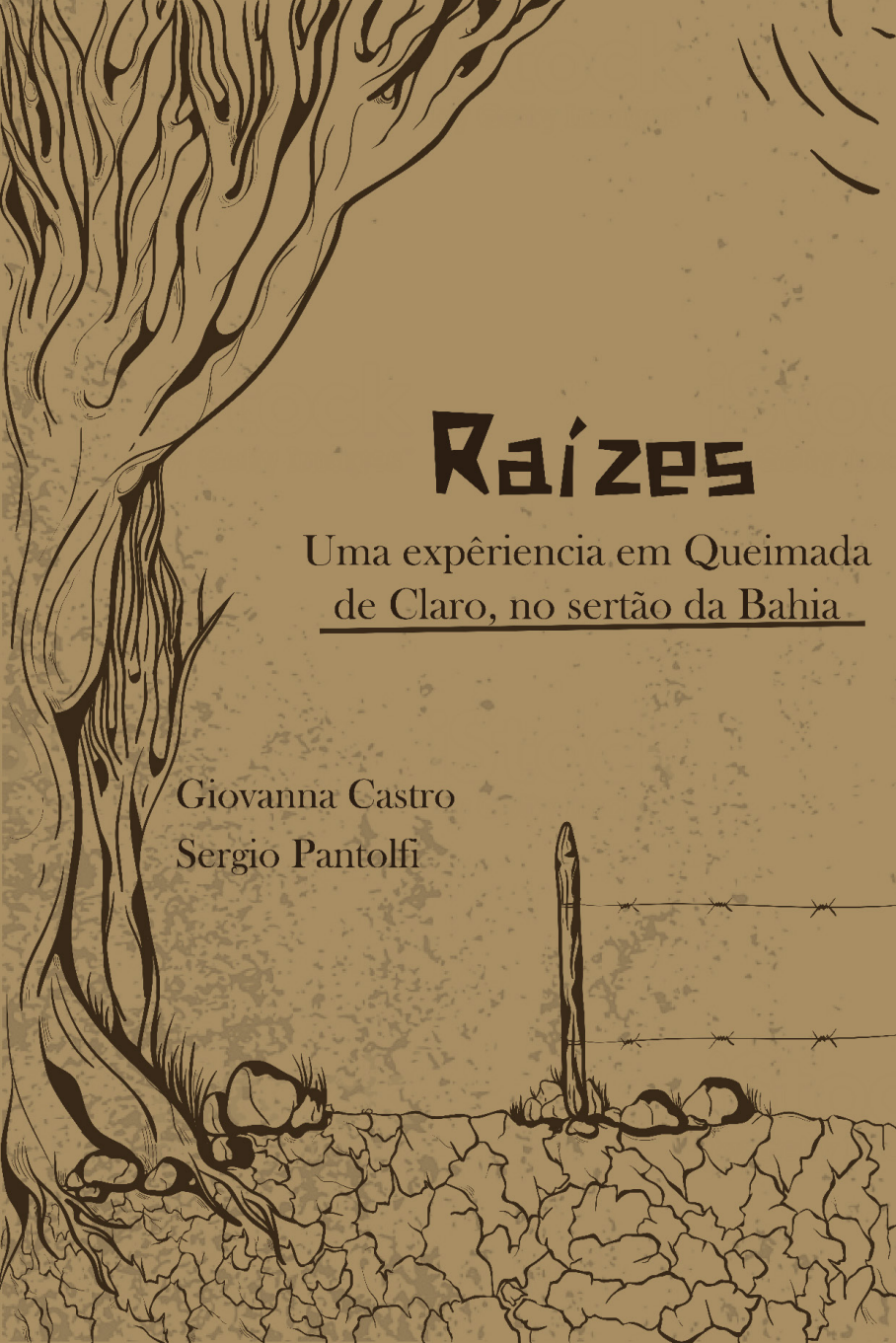




# Raízes

Uma experiência em Queimada  
de Claro, no sertão da Bahia

Giovanna Castro

Sergio Pantolfi



# **Raízes**

Uma experiência em Queimada de  
Claro, no sertão da Bahia



# **Apresentação**

(pág. 7 )

## **O Povoado**

(pág. 21)

## **O Roçado**

(pág. 31)

## **O Alicerce**

(pág. 51)

## **As Lutas**

(pág. 67)

## **As Idas e Vindas**

(pág. 81)

## **Os Costumes**

(pág. 93)

## **Glossário**

(pág. 109)

## **Retratos**

(pág. 115)



# Apresentação

Há mais ou menos dois anos, nos corredores das setentas – local onde ficam salas do curso de Jornalismo da Unesp –, nós estávamos conversando com amigos sobre coisas triviais, planos para o futuro, até que o assunto “final do curso” veio à tona. Giovanna comentou que gostaria muito de escrever um livro sobre o Nordeste como projeto de conclusão do curso.

Escutando atentamente, Sérgio se lembra claramente dela falando que “queria alguém para tirar foto apenas, sabe? Não daria conta de escrever um livro com outra pessoa”. Prontamente concordou, alegando que também não conseguiria de jeito nenhum escrever um livro em dupla.

E cá estamos em 2019 com o livro-reportagem idealizado pelos dois, compartilhado diante de tantas experiências vividas em Queimada de Claro, escrito de forma conjunta. Nesse meio tempo houve intempéries e certos titubeios que nos levaram a acreditar que esse livro não sairia, mais saiu. Claro que tudo com muito trabalho, horas de sono perdidas, uma viagem inesquecível e algumas discussões que foram até menos acaloradas do que o previsto.

Com *Raízes*, pretendemos utilizar a nossa posição privilegiada de jornalistas para dar voz às pessoas do sertão, muitas vezes invisibilizadas pela mí-

dia. Queremos desconstruir o estereótipo de miséria, fome e infelicidade do sertão do Nordeste. Até porque, poder conhecer e explorar uma pequena parte do imenso sertão baiano foi uma das experiências mais maravilhosas que poderíamos ter em nossas vidas. E não só isso, mas também entrevistar e aprender com todas as pessoas que moram no povoado e que muito ajudaram a compor esse livro. Pensamos em construir a narrativa partindo da convivência com cada uma das fontes, deixando que eles contassem sobre eles mesmos e suas impressões acerca dos mais variados assuntos.

A paisagem que de início se mostrava muito desafiadora, se tornou uma dádiva vista com os olhos de quem percorreu o povoado todo a pé. Em nossa viagem, durante o dia batemos perna para todos os lados, com a presença do sempre alegre Seu Joaquim, avô de Giovanna, que nos dava informações acerca dos vários locais importantes da região. Nos dias que ficamos por lá, percebemos uma comunidade hospitaleira e acolhedora.

Acordamos às nove da manhã, horário em que o povoado já estava a todo vapor, e já estávamos prontos para dormir às sete da noite, em uma tentativa frustrada de acompanhar os horários dos moradores de Queimada, muito diferentes dos quais estamos habituados.

Durante o dia o sol forte nos perseguia, mes-

mo assim, percebemos que seria a melhor forma de vivenciar tudo que passamos por lá. Ao anoitecer, depois de ouvir algumas histórias sobrenaturais de Dona Lourdes, as noites de sono eram um pouquinho mais interessantes. O barulho do vento, além das muitas plantas balançando, faziam um estranho som próximo à casa onde dormimos.

Inclusive, precisamos fazer um agradecimento especial à Dona Lourdes, Seu Joaquim e a Fernanda Telles, três pessoas que ajudaram muito para que esse livro se tornasse realidade.

Dona Lourdes pela hospitalidade, pelas refeições e pelo sorriso no rosto, sempre companheiro. Seu Joaquim – Coitadinho!<sup>1</sup> – que, com muita energia, foi nosso fiel escudeiro, nos acompanhando para onde fossemos no povoado, mesmo que isso significasse dar voltas e mais voltas a pé. Fernanda, que nos levou para todo o lado de carro e, além disso, nos fazia soltar altas gargalhadas com sua irreverência.

De verdade, queremos agradecer a todos que ajudaram na produção desse livro, de uma forma ou de outra. Principalmente ao pessoal de Queimada de Claro. Esse livro é muito mais deles do que nosso, é a história de quem se faz presente e não arreda o pé das suas raízes. Muito obrigado!

**Giovanna e Sergio**

---

1 Expressão muito utilizada por Seu Joaquim.



## **À minha mãe, meus avós e família baiana**

11 de julho de 2019. Peguei um ônibus na rodoviária do Tietê, em São Paulo, com destino à Irecê, cidade localizada no centro da Bahia. O objetivo era descer em Salobro, 70 km antes do ponto final. Abraçei meu pai, despedindo-me brevemente, sentei na poltrona 23, que sempre escolho quando viajo sozinha, na esperança de que a masculinidade frágil prevaleça e nenhum homem escolha o número 24, tão associado a homossexualidade. E funcionou. Ao meu lado, sentou uma moça de vinte e poucos anos que viajaria sozinha. “É bom que nos fazemos companhia”, festejou, com o mesmo alívio que eu ao descobrir que a companheira de viagem seria outra mulher.

Foram 36 horas de viagem e mais de dois mil quilômetros. Durante essa aventura, pude correr os olhos por diferentes paisagens, me dando conta empiricamente do quanto o Brasil é um país diversificado e o quanto existem diferentes realidades dentro dele. Passamos por Minas Gerais, Goiás, Distrito Federal e adentramos a Bahia pelo seu interior, através da cidade de Barreiras. Durante o caminho, minha companheira de viagem me contava sobre sua trajetória.

Márcia deixou sua família e sua cidade, Irecê, para ir até São Paulo trabalhar como cuidadora de

idosos. Ela me conta que sempre sonhou em conhecer a cidade grande. Foi para lá assim que pode, mas confessa que guarda no peito uma saudade enorme da família e dos amigos que ficaram na Bahia. Sua história me lembrou a de minha mãe. Baiana, ela saiu de Queimada de Claro aos 17 anos para buscar uma vida melhor em São Paulo.

A história de Márcia e minha mãe se entrelaçam não por acaso. Representam tantas outras mulheres e homens nordestinos com trajetórias parecidas. Na metrópole, minha mãe trabalhou como babá e empregada doméstica. Namorou um homem paulista e engravidou de mim. Nasci branca, paulistana, mas com o estigma de filha de nordestina. Escutava pessoas a minha volta se referindo aos baianos de forma pejorativa.

Uma vez, ao voltar de uma visita à Bahia e chamar minha avó por parte de pai de “vóinha”, fui repreendida. “Ai não, virou baiana agora”. Não podia andar descalço, era “coisa de baiano”. Nem comer com a mão, quem come assim é gente da “terrinha”. Se um conjunto de roupas não combinava, influência “lá de cima”. Mamãe foi confundida como minha babá algumas vezes.

Aprendi logo cedo a negar meu lado baiano. E aprendi no final da adolescência a não negá-lo nunca mais. Hoje, tenho orgulho das minhas raízes, de ter correndo em minhas veias sangue de um povo tão

forte, solidário, perseverante e amoroso. Agradeço à minha mãe, aos meus avós, meus tios, primos e antepassados. Este livro é a redenção, um pedido perdão. Coloco-me na posição de aprendiz diante deles, ouvindo com atenção e reverenciando minhas origens.

**Giovanna Bonfim de Castro**



**“Você nem tem tanto sotaque né?”**

“Ah, sabe como é, meu pai é de Marília e minha mãe de Tupã. Já eu? Ah, eu sou baiano, aí fica meio misturado né?”.

Depois de um ano sem voltar pra casa, decidi que era a hora de dar um alô pra minha família e meus amigos. Tava com saudade. Mas essa minha volta, não seria como as outras, até por que eu tinha um objetivo bem diferente do que apenas rever todo mundo.

E assim, parti de avião de Bauru. Conexão em São Paulo, desci em Salvador e enfim fui de carro para Feira de Santana. Passei meus dias na minha cidade completamente ansioso para conhecer Queimada de Claro, afinal, não tinha noção do que encontrar no sertão baiano, lugar esse, que eu nunca tinha pisado.

Mas falar da minha relação com a Bahia é uma das coisas que me encanta, sério, de verdade. Até porque, se buscarem na minha certidão de nascimento, vão ver que eu sou um branquelo, nascido em Tupã, sim, na terra de minha mãe e aqui mesmo no interior de São Paulo. Mas a grande questão é, isso realmente importa? E se eu te contar que primeira lembrança da minha vida eu tive lá em Vitória da Conquista?

Pois é, e queria compartilhá-la rapidinho.

Era meu primeiro dia de aula no colégio São Tarcísio e lembro-me de estar dentro da sala de aula que tinha umas 30 crianças, a sala estava muito escura. Até que em determinado momento, eu chamei a professora de tia - algo que sempre foi muito comum pra mim - basicamente todas as crianças riram da minha cara, incluindo a “tia”. Até que mais tarde nesse dia, minha colega de sala Ana - a qual mais tarde nutriria minha primeira paixãoite - me avisa que na Bahia não chamamos os professores assim, mas sim de “pró”. Achei engraçado e resolvi adotar. Mais tarde naquele dia, comecei a aprender o abecedário de forma diferente e é assim que sei até hoje, se quiser saber como é, pode me perguntar.

E eu posso dizer que a partir desse momento, virou uma chavinha na minha cabeça que me fez enxergar as coisas de uma outra forma. Minha mãe e meu pai sempre me disseram que eu sou o “mais baiano da família” e aí de mim de contrariar a dona Vanderli, mas ela tava errada, “pô mãe eu sou baiano sim!”. E isso não tem problema nenhum, não é renegar meus familiares de São Paulo de descendência italiana e tal, mas sabe como é né? Eu sou um pouco diferente sim.

Mas hoje, minha mãe entende e concorda comigo, já que me viu crescer na Bahia, principalmente em Feira de Santana onde morei por mais de 16 anos.

Viu eu ter meus amigos, minhas histórias, meus laços mais fortes, que carrego comigo até hoje, crescerem lá, meu sotaque, personalidade e tantas outras coisas que poderia ficar dias citando.

A Bahia ainda é a minha casa, porque por muitas vezes, eu digo mesmo depois de quatro anos morando em Bauru, que eu não tenho casa em São Paulo. E juro que não é por mal, só não consigo deixar um sentimento tão forte que tenho pelo meu estado, vou pra lá e mesmo não estando em casa, eu sempre me sinto em casa. O meu voltar pra casa é ir pra Bahia.

Ser nordestino não é fácil. Eu só tenho a agradecer ao lugar de onde eu venho e que fez eu me tornar quem eu sou hoje. Por isso, ter essa oportunidade de escrever um livro sobre meu estado é meio que pagar uma dívida da qual eu nunca vou conseguir me livrar, visto que isso ela não tem preço. Eu escrevo de sorriso no rosto e eu juro que não há nada mais gratificante.

E por mais que ainda tenha gente que insista em atacar, fazer piadinhas e subverter das mais diferentes maneiras o lugar de onde eu venho, eu me mantenho em pé e digo mais, não pretendo nem um pouco ser derrubado.

Não venha não que é barril. O Nordeste resiste, e eu sou uma pontinha de resistência vagando por aí.

**Sergio Pantolfi**



## Capítulo 1

# O Povoado



*Sertão, argüem te cantô,  
Eu sempre tenho cantado  
E ainda cantando tô,  
Pruquê, meu torrão amado,  
Munto te prezo, te quero  
E vejo qui os teus mistério  
Ninguém sabe decifrá.  
A tua beleza é tanta,  
Qui o poeta canta, canta,  
E inda fica o qui cantá.  
(Patativa do Assaré)*

São quatro e pouco da madrugada, não é nem dia e o café já está na mesa, junto com beiju<sup>1</sup> quentinho, feito da farinha de tapioca. É possível ouvir um burburinho na cozinha, carros passando, algumas motocicletas indo e vindo. Fora isso, escuta-se apenas o vento balançando as árvores, e um galo que cacareja incessantemente.

É assim que amanhece todos os dias em Queimada de Claro, povoado localizado no centro semi-árido do estado da Bahia, a cerca de 510 quilômetros de Salvador. Com aproximadamente 330 habitantes, pertence ao município de Barro Alto, fundado em 9 de maio de 1985, após desmembrar-se de Canarana. Próximo de lá estão também Paz de Salobro, Lagoa do Boi e Formosa, que beiram a BA 432, o trecho asfaltado mais próximo.

---

1 Conferir glossário na página 111

Pegamos o carro e vamos até as plantações da região. A estrada levanta uma poeira vermelha atrás de nós. Galhos secos, mandacarus e cercas de quia-bento<sup>2</sup> vão percorrendo a paisagem. Pessoas passam de moto acenando, “aqui todo mundo é amigo meu”, diz o Seu Joaquim<sup>3</sup>, morador de Queimada há 33 anos. É por meio dele que chegamos até aqui, é ele também que nos acolhe em sua casa e será um dos nossos guias nas páginas que seguem. Sua história se entrecruza com a nossa em vários momentos.

A rotina na roça começa cedo, “enquanto o sol ainda não tá quente”. A maioria dos moradores trabalham em suas próprias plantações irrigadas, viabilizadas pela implantação de políticas públicas que levaram água encanada e cisternas de água doce para a região.

A plantação é o alicerce do povoado. As pessoas começaram a morar ali, em meados de 1910, devido à presença de lajedos, formações rochosas que acumulam água em época de chuva, o que tornou possível viver naquela região, plantando roças e criando gado.

## **A queimada de Claro**

O primeiro morador foi um senhor chamado

---

2 Conferir glossário na página 113

3 Sr. Joaquim e Dona Lourdes são avós maternos da Giovanna, uma das autoras do livro. Foi a inspiração para se falar sobre o sertão baiano, sobre as dificuldades e belezas de ser nordestino.

José Gabriel de Andrade, que veio com a família e fez algumas casinhas e roças. E depois da família dele, veio a família do finado Claro Izidoro da Silva, cujo filho ainda mora ali. Além de colocar roça de plantação de fumo, mamona, mandioca, milho e feijão, Claro também comprava esses produtos de quem produzia. Ele matava bois, cabras e porcos para vender em seu açougue, além de comercializar pele de animal, entre outros produtos da região. Quem nos conta tudo isso, direto de seu caderno cheio de anotações sobre a comunidade, é Joselita Andrade de Souza, mais conhecida como Litinha, a agente de saúde de Queimada de Claro.

O povoado foi crescendo, mas não tinha nome. Até que Claro colocou fogo num pedaço de roça e queimou bastante, alastrando as chamas pelo mato. “Ficou uma queimada muito grande e o gado era criado solto. O povo criava os gados tudo solto por aí, só dividia pelos ferros, onde eles ferravam a inicial



Lajedo de Queimada de Claro

do nome do dono na pele do boi e soltavam pelo campo. Aí, quando um vaqueiro encontrava outro e perguntava ‘ô, você viu a minha vaca?’, o outro falava ‘ah, eu vi lá na queimada de Claro’. A Queimada de Claro era a área de mata onde Claro tinha colocado fogo. E aí, ficaram falando nesse nome, Queimada de Claro, e ficou. Foi vindo cada vez mais gente pra cá, mais pessoas da família de Zé Gabriel, mais pessoas da família de Claro, e foi rendendo e está aqui até hoje como Queimada de Claro”, conclui Litinha.

Hoje, a praça principal do povoado tem uma quadra esportiva onde todos se reúnem. De um lado, fica o mercadinho, do outro o bar, sempre cheio de homens vestindo bermudas e bonés. Encostado no bar, fica a casa de Nozinho, descendente de Claro, com um longo banco, apelidado carinhosamente de “ponto de ônibus”, onde a mulherada gosta de bater papo e comer água<sup>4</sup>. À direita, é possível ver a escola das crianças pequenas, com um recém pintado muro azul.

Uma árvore central desenha a paisagem. Sobre ela, as pessoas ficam encostadas nas motocicletas enquanto assistem os babas<sup>5</sup>. Moto, inclusive, é o que não falta. Estão sempre para um lado e para o outro, levando adultos e até mesmo crianças sem capacete. “Primeiro o povo só andava a pé, quilômetros e

---

4 Conferir glossário na página 112

5 Conferir glossário na página 111

quilômetros a pé, daí apareceram as bicicletas e todo mundo só andava de bicicleta, depois, quando chegaram as motos, você não vê ninguém andando a pé e até as bicicletas sumiram. É que o sol castiga se andar a pé”, comenta dona Lourdes.

E como castiga. A temperatura média é de 24 graus e, por menor que seja o povoado, é realmente difícil andar debaixo de um sol tão quente. Apesar disso, com o tempo seco, a brisa é fresca e, diferente do litoral, quase não ficamos suados. A noite o clima esfria, e o vento é forte. Quando chove, todos comemoram. Aliás, a chuva é um assunto recorrente, quando chega em algum município próximo, a notícia corre mais rápido que os próprios pingos.

O povo é hospitaleiro e, ao visitar as casas, é comum ver imagens de santos e brasões de times de futebol exibidos nas paredes e prateleiras. As casas são simples e muito bem arrumadas. Têm pisos de



Praça principal do povoado

cerâmica, limpos regularmente para tirar a poeira que entra pelas janelas. As panelas ficam em cima dos fogões e sempre têm um prato a mais para uma visita. Os sucos de frutas colhidas direto do pé são servidos bem gelados a qualquer amigo que chega para bater papo. E como todos se conhecem, sempre tem alguém chegando pra dar um oi.

O senso de coletividade é algo muito presente na comunidade. Todos estão conectados por um grupo no WhatsApp. Quando alguém adoece, sempre recebe visitas dos vizinhos. E se precisa de algum tipo de ajuda, nunca falta uma mão amiga. “O bom da Bahia é que aqui ninguém passa fome”, comenta Fernanda Telles, moradora do povoado.

Foi exatamente esse espírito acolhedor que sentimos durante os seis dias que passamos em Queimada. Andamos bastante, conhecemos gente com sorriso nos olhos, que ama a terra em que vive e as pessoas que ali moram. Escutamos histórias sobre os causos<sup>6</sup> da região, aprendemos, demos risada e comemos fruta do pé em todos os quintais em que chegamos.

---

6 Conferir glossário na página 111





## Capítulo 2

# O Roçado



*A seca é bicho danado  
que fica só na espreita  
deixando o chão ressecado  
e o sertão sem a colheita*

*Não preciso de canhão  
nem de tanque do quartel  
pra salvar a plantação  
basta chuva lá do céu.  
(Guibson Medeiros)*

No meio da mata rasteira, dos galhos secos e do sol estridente, vimos plantações dos mais diferentes tipos de cultura. Por onde passávamos, seu Joaquim apontava com o dedo e dizia de quem era a roça e o que era plantado ali. Foi assim durante todo o percurso feito de carro pela região de Souto Soares, município próximo a Queimada.

Naquela região, todo mundo tem sua terrinha e os cultivos são feitos para serem vendidos às cooperativas, além do consumo de subsistência das famílias. Alguns dizem que é possível chamar de “reforma agrária natural” a forma com que as terras foram distribuídas, sendo muitas fruto de usucapião<sup>1</sup>, quando a família recebe o título do terreno após anos morando e plantando naquele local.

---

1 “Usucapião é o direito que o indivíduo adquire em relação à posse de um bem móvel ou imóvel em decorrência da utilização do bem por determinado tempo, contínuo e incontestadamente”. Fonte: Escola Paulista de Direito.

## **A mandioca e o café da região de Cercado**

Chegamos até Cercado, uma região serrana cujo solo é quase branco, contrastando com o vermelho de antes. Os moradores do povoado nos explicaram que as maiores plantações do local são de café e mandioca. A umidade é maior do que a de Queimada e o clima é um pouco mais ameno, por isso esses cultivos se dão melhor ali.

A mandioca, após ser colhida, é levada até uma casa de farinha. Ao entrar no local, escuro pela falta de energia elétrica, vemos rodos para manusear a farinha, raladores, sacos, bacias, entre outros instrumentos feitos de madeira. Os fornos à lenha parecem camas, onde a farinha descansa enquanto torra. Dona Lourdes se emociona ao relembrar da época em que trabalhou ali, onde, por muito tempo, gerou o sustento de sua família.

Para a produção da farinha de mandioca, eles a raspam com a faca e a colocam em um moedor. Moída, a massa vai para uma prensa, depois para a peneira e, então, é levada ao forno, torrando até se transformar em farinha. “A gente vai passando o rodo nela, pra torrar bem. Aí, quando já está quase boa a farinha, a gente passa ela na peneira de novo, para tirar uns pedaços que ficam maiores. Depois coloca a farinha nos sacos”, explica dona Lourdes, com a segurança de quem já repetiu esse processo diversas vezes durante sua vida.

É na casa de farinha, também, que a tapioca é feita. “A gente coloca a farinha em uma bacias grandes de tirar tapioca, coloca água e vai escorrendo a água. Depois que escorrer, com um pano em cima da tapioca, colocamos a cinza, que chupa toda a água. Quando estiver bem sequinha, a gente ensaca e vende”, completa, mostrando cada canto da pequena casinha de chão batido.

O chão batido também resiste na casa de roça de Elenilson Teles. Nascido em Cercado, ele mora atualmente em Queimada e tem plantação de café no Mata Cavalo, uma das serras da região. Em época de colheita, como a em que nos conhecemos, ele e sua esposa dividem espaço com os sacos de café ao passar dias, às vezes semanas, na casinha, que não tem energia elétrica, nem água encanada. A falta de recursos e infraestrutura impossibilita, inclusive, a irrigação. Mas, as condições climáticas e de solo, que é mais denso e “barrento”, possibilitam o plantio mes-



Elenilson em sua casa de roça

mo assim.

Ali, todos os produtores se conhecem e as plantações são familiares, mas quase ninguém mora no local. As pessoas preferem viver em povoados vizinhos, onde já se pode contar com melhores condições de infraestrutura, como água encanada, energia elétrica e internet. Eles mesmos plantam e colhem o café, contando às vezes com a ajuda de outros trabalhadores da região que, quando têm uma folga no trabalho em suas próprias terras, se dispõem a ajudar na colheita dos vizinhos, recebendo um pagamento por temporada de serviço.

O café plantado por Elenilson é do tipo Arábica, um dos mais valorizados pelo mercado. A planta demora um ano para começar a dar frutos e uma das vantagens é que o pé de café não precisa ser replantado após a colheita, podendo produzir plenamente por até cinco anos. O preço da saca de café varia en-



Elenilson Teles colhendo café

tre 330 a 550 reais.

Muita gente vive apenas da produção de café naquela região. Após a colheita, os grãos ficam expostos ao sol em um terreiro para secar, depois são debulhados por uma máquina e vendidos para cooperativas da própria região. O lucro tirado na safra é suficiente para a subsistência das famílias durante todo o ano.

## **Os frutos da terra vermelha**

Mamona, café, beterraba, cenoura, cebola e tomate são os insumos essenciais a serem cultivados no calor e na terra salobra de Queimada. A mamona é o que há de mais lucrativo, dá o ano todo e é possível vender em qualquer lugar. Só no povoado, três pessoas comprem o produto. “É fácil de vender, você colhe, quebra, leva ali, já vende e já passa no mercadinho pra comprar o que você precisa pra casa”, diz Silvinho.

Silvinho, presidente da Associação de Pequenos Produtores de Queimada de Claro, é visto como um conhecedor nato do povoado. Toda vez que perguntávamos por alguém que pudesse nos dar informações sobre as terras e plantações, sempre falavam que era ele quem poderia responder às nossas questões. Muito prestativo, começou a explicar as mudanças dos processos produtivos dentro da comunidade.

“Quando eu comecei a trabalhar, as chuvas não eram regulares. A gente plantava pouco porque não tinha maquinário, então era sem arar a terra. Plan-

tava uma tarefa e produzia para você e a sua família sobreviver o ano todo. O que sobrava, vendia. Mas, naquele tempo, a gente não gastava com quase nada, era só comida mesmo. Hoje em dia, tem gasto com celular, tem gasto com energia, tem gasto com roupa. Antes a gente fazia roupa era com saco, descosturava o saco e fazia roupa. Isso quando eu era pequeno”, relembra. Agora, o trator ara, planta e limpa a terra. O maquinário chegou na roça.

O avanço na agricultura local nas últimas décadas é inegável. Segundo dona Lourdes, moradora de Queimada de Claro há mais de 30 anos, o governo Lula construiu as cisternas que possibilitaram que a população tivesse acesso a poços artesianos e a irrigação nas plantações. “Ele deu as cisternas, o Bolsa Família e agora todo mundo tem poço, tem irrigação. Aí, agora o povo tudo trabalha na irrigação e não passa mais fome, nem tem que ir pra São Paulo em época de seca”, conta.

Silvinho afirma que as culturas eram mais saudáveis e não existiam agrotóxicos, ou defensivos agrícolas. Antes, a produção era menor, mas dava pra sobreviver de forma simples. Hoje em dia, é preciso fazer muito mais. A produção precisou expandir, ganhou maquinário, aumentou de tamanho e passou a usar agrotóxicos. Passaram a ter outras necessidades além da subsistência básica como, por exemplo, a comercialização dos produtos, que nem sempre é fácil.

Preocupado com a situação, Silvinho diz que a comunidade consegue produzir bem, que existe um bom nível de organização. “Agora, o que a gente acha difícil é comercializar, porque, para entrar ‘nesses Ceasas’, o produtor tem que ter uma boa quantia em dinheiro, precisa comprar um box – semelhante a um estande – para colocar para vender. Mas, para quem não tem dinheiro para comprar um box, a situação fica muito complicada”, explica.

Atualmente, os produtores vendem suas colheitas direto para cooperativas ou atravessadores<sup>2</sup>, que são os comerciantes que têm espaços nos Ceasas. No entanto, isso faz com que o lucro seja menor, já que são obrigados a vender mais barato. Além disso, Silvinho nos conta que muitos donos de galpões agem de má fé na hora de selecionar os legumes que “estão bons para a venda”.

No caso dos produtos de irrigação – cenoura, cebola e beterraba –, por exemplo, os produtores ligam para os donos de galpões quando a plantação já está no ponto de colher. Aí, eles vão, colhem os insumos e levam para beneficiar<sup>3</sup>. “Eles mesmo pesam e mandam para quem vende, cada galpão tem o seu lugar de vender, vai pra todo o Brasil”, comenta.

Quando a colheita chega nos galpões de cooperativas, há uma seleção. Só pagam ao produtor pe-

---

2 Conferir glossário na página 109

3 Conferir glossário na página 109

los legumes que estão bons o suficientes para serem comercializados nas feiras. O resto fica para os donos das cooperativas, que, geralmente, utilizam esse alimento para engordar seus gados. Para contornar a situação, a comunidade decidiu lutar para ter seu próprio galpão comunitário de cenoura e beterraba. E a luta rendeu frutos.

## **O galpão de cenoura e beterraba**

Depois de uma longa conversa, Silvinho comentou que, com um projeto em parceria da Associação de Pequenos Produtores de Queimada de Claro, da Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR) e da Secretaria do Desenvolvimento Rural, os moradores conseguiram uma verba de 351 mil reais para a construção de um galpão de lavagem de cenoura e beterraba.

O galpão, que ainda não está pronto, pretende atender a todos os pequenos produtores da comuni-



**Galpão de cenoura em construção**

dade. Para que o projeto saísse do papel, foram inscritos cerca de 20 produtores de cenoura e beterraba, o que mostrou ao poder público que o local é mais que demanda, é necessidade. Entretanto, outros produtores também terão acesso ao galpão.

A convite de Silvinho, fomos até o local em que o galpão está em construção, para conhecer mais de perto projeto. Já de primeira, foi possível enxergar uma grande estrutura branca ainda inacabada. Quando chegamos, Silvinho fez um tour com a gente pelo lugar, mostrando onde aconteceriam cada um dos processos de lavagem dos alimentos. Além disso, encontramos trabalhadores retocando a pintura do galpão e instalando móveis nas salas de uso interno.

Silvinho conta que, com o projeto, o povoado de Queimada de Claro vai parar de depender de galpões particulares. Isso aumentará o lucro do produtor, que venderá os alimentos já prontos para o consumo. O galpão também gerará mais empregos no povoado, fortalecendo a economia local.

Depois que o galpão ficar pronto, a próxima etapa do projeto da CAR é a capacitação e orientação sobre comercialização de produtos agrícolas, recursos e planejamentos necessários para que os moradores de Queimada consigam vender os produtos por conta própria.

A comunidade também conta com a assistência de um técnico agrícola. Marcos Inácio é funcionário

da associação por meio de um projeto de expansão rural do governo estadual. Ele realiza atividades coletivas na região, como reuniões, palestras e oficinas, além de amparar os pequenos produtores de maneira geral.

O técnico considera de extrema importância esse tipo de atividade porque, a partir da Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), as famílias passam a utilizar os recursos naturais de maneira sustentável, evitando o desequilíbrio ambiental. No entanto, ele acredita que ainda faltam incentivos oficiais no desenvolvimento de políticas públicas que facilitem o acesso ao crédito rural.

“Se houvesse incentivo dos órgãos públicos no desenvolvimento de políticas públicas que possibilitassem o acesso ao crédito rural com mais facilidades, isso ajudaria muito. Além disso, fornecer um acompanhamento específico para cada área de produção, porque em muitos casos as famílias não são aptas a desenvolver uma atividade, mas por ver o vizinho fazendo, passam a fazer a mesma coisa. Isso gera um grande número de famílias endividadas com os bancos por não saber investir na atividade correta”, comenta o técnico.

## **Associação dos Pequenos Produtores de Queimada de Claro**

A associação começou em 1997 e hoje tem por volta de 140 associados da região. Para ser um asso-

ciado, a pessoa precisa ter vínculo com a comunidade – normalmente, o produtor tem uma roça, ou é casado com alguém do povoado, ou tem família morando ali. Algumas pessoas, por exemplo, moram em povoados vizinhos, mas têm plantação em Queimada, ou moravam lá quando se tornaram sócios e hoje já não moram mais, mas a família ainda é residente e tem terreno.

Todas essas pessoas podem participar das reuniões da associação. Elas pagam uma mensalidade irrisória de dois reais por mês durante 40 meses e a partir daí não se paga mais. “Como a gente tem projetos produtivos, dependemos menos da mensalidade dos sócios. Temos um trator, um poço de irrigação e esse projeto do galpão. Tudo isso gera renda para a associação, alugando trator e fazendo irrigação, por exemplo. Quem é associado, tem prioridade para alugar os serviços, mas também aluga para quem não é associado”, explica Silvinho.

São esses projetos produtivos que possibilitam que o grupo não cobre tanto dos sócios; já outras instituições que não possuem esse tipo de recurso, têm de cobrar mais. Por exemplo, existem cerca de 33 associações no município de Barro Alto, entre elas só umas seis ou sete têm projeto produtivo. As que não têm, cobram uma taxa dos afiliados para custos como viagens do presidente para representar a associação.

É por meio dessa força coletiva que os pequenos

produtores de Queimada lutam para cobrar dos governos competentes as condições básicas para o desenvolvimento agrícola na região. Além disso, aqueles que não teriam condições de comprar sozinhos as ferramentas necessárias, como tratores, podem utilizar dos benefícios da associação.

## **O veneno**

Entre conversas sobre plantações, muitos moradores falaram sobre o uso de veneno, termo objetivo para agrotóxicos. Segundo o técnico agrícola Marcos, o uso exagerado desses recursos na região de Queimada tem causado o aumento crescente de casos de câncer. “Essa região lidera o ranking de casos da doença. O uso de agrotóxicos de maneira descontrolada tem causado também a infertilidade, compactação e erosão dos solos da região”, comenta.

A preocupação na fala de Marcos não é por acaso. O Brasil é um dos países que mais utiliza agrotóxicos no mundo. Segundo dados do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), em 2017 foram utilizados no país cerca de 540 mil toneladas de agroquímicos, aproximadamente 50% a mais que em 2010. Em 2019, mais 63 inseticidas foram liberados pelo governo federal. Com esse novo registro, o número de defensores químicos registrados no país chegou a 325.

Em nota, o Ministério da Agricultura afirmou que o fato de haver mais marcas disponíveis no mercado

não significa que vai aumentar o uso de defensivos no campo. O que determina o consumo é a existência ou não de pragas, doenças e plantas daninhas. Segundo eles, os agricultores querem usar cada vez menos em suas plantações, pois os defensivos são caros e representam 30% do custo de produção.

Do total de produtos registrados em 2019, 185 são produtos técnicos, ou seja, destinados exclusivamente para o uso industrial. Outros 140 são produtos formulados, aqueles que já estão prontos para serem adquiridos pelos produtores rurais mediante a recomendação de um engenheiro agrônomo. Destes, apenas 14 são produtos biológicos e orgânicos.

Porém, não é muito o que acontece na prática. Não existe um controle técnico específico que monitore o uso desenfreado dos “venenos”. Além disso, as condições climáticas da região favorecem o ciclo de pragas e doenças, já que não há períodos de inverno com baixas temperaturas e, por isso, o uso desses recursos químicos é ainda maior.

Silvinho comenta que “às vezes, você vai na loja e toda loja tem um agrônomo. E aí, é só chegar lá e dizer assim ‘meu limão tá com um problema assim, assim e assim’, aí ele faz um receituário lá e você vai e compra. Geralmente eles (agrônomos) fazem o receituário com aquilo que eles têm na loja. Esse menino aí – apontando para Marcos – saiu de uma loja dessas por causa disso. Ele falou que era pra receitar qual-

quer produto que vendesse ali. Um dia, ele reclamou, ‘mas o senhor não tá vendendo isso aqui que ele tá precisando’, aí, o dono da loja disse ‘então você não presta pra trabalhar aqui’. Esse tipo de problema que tem aqui, é perigoso”.

Segundo ele, a venda ilegal de agrotóxicos é uma realidade na região. Os produtos são usados de maneira irregular e não existe uma fiscalização do que se passa por lá. Os produtores de lavouras convencionais pegam os venenos que comprem sem ler, sem receituário agrônômico e utilizam nas propriedades. O objetivo é produzir cada vez mais rápido, não importa o preço que se pague por isso. Assim, além dos alimentos contaminados, existe também prejuízo à saúde, ao solo e à água da região, já que acaba contaminando os lençóis freáticos.

Quando perguntado se isso era falta de informação das pessoas da comunidade, Silvinho é direto e diz que informação não falta, “mas eles querem produzir mais. E quanto mais vão aplicando, mais vai ficando pior, porque a praga vai criando resistência e agora aquele veneno não combate mais a praga. Aí, tem que utilizar um mais forte, mais forte e mais forte, até que, uma hora, ele tá jogando de manhã e de noite, de manhã e de noite. Tomate, cebola e pimentão eu não compro de feira, não. Eu sei o que tão usando ali e é um absurdo. Eles plantam hoje e colhem amanhã. E ó, tá tudo indo proceis (sic) lá em São Paulo e pro Rio também. Tá perigoso comprar

tomate e cebola, principalmente quando tá caro! Não convém comprar tomate, não” finaliza.

## **Orgânicos**

Uma das soluções encontradas para diminuir o uso de agrotóxicos é a utilização de caldas naturais, que mantêm a qualidade dos insumos. Esses “pesticidas do bem”, usados em alimentos orgânicos, são extraídas de plantas da região, como a Babosa e a Angica. Silvinho chega a nos mostrar um livro, dado pelo governo do estado da Bahia, que contém as receitas das caldas naturais, mas diz que poucas pessoas se utilizam dessa alternativa.

A região Nordeste tem a maioria dos produtores orgânicos do país, sendo 2.769 registrados. Boa parte dos produtores orgânicos de lá são agricultores familiares – assim como Silvinho – e 1.500 deles estão no estado da Bahia, de acordo com o IBGE. Além disso, o consumo de produtos orgânicos cresce anualmente



Silvinho nos leva até as roças da região

cerca de 25% no Brasil. No entanto, a atividade ainda exerce uma parcela muito pequena da produção geral e apenas 15% dos consumidores brasileiros se preocupam em comprar orgânicos, segundo o levantamento do Conselho Brasileiro da Produção Orgânica e Sustentável (ORGANIS), de 2017.

Silvinho, que é produtor orgânico certificado, afirma que falta interesse dos moradores do povoado, visto que muitos ainda não pensam em fazer uma transição do tipo de plantio com uso de agrotóxicos para a plantação natural. Houve até uma tentativa de fazer um programa de capacitação transicional em Queimada, mas como não teve a adesão mínima de quinze pessoas, o governo do estado não conseguiu aprovar a realização do curso. “O engenheiro agrônomo que trabalha no órgão do governo estadual, Dr. Edvaldo, essa semana cobrou ‘cadê, Silvinho? não vai achar o pessoal pra fazer o curso não?’”, lamentou.

É possível ver o brilho nos olhos do produtor ao falar sobre seu trabalho com os produtos naturais. Recentemente, o núcleo Raiz do Sertão, do qual Silvinho faz parte, conseguiu ganhar a concorrência para fornecer alimentação orgânica para as escolas públicas do município de Ilhéus, no litoral baiano. A cidade se tornou a primeira no Brasil a ter merendas orgânicas nas escolas. “Além do nosso núcleo, eles pegam ali de São Paulo e Santa Catarina, mas o município é todinho fornecido de alimentação orgânica”, complementa.





## Capítulo 3

# O Alicerce



*Agradecer.*

*Não vou reclamar da vida  
nem me queixar pra ninguém  
a terra anda um pouco sofrida  
e a água às vezes não vem,  
mas nordestino que se preza  
se ajoelha quando reza  
e agradece pelo que tem.  
(Guibson Medeiros)*

“O ser humano, para sobreviver, precisa de água, né?”, comenta Silvinho. Há cerca de duas décadas que a água encanada chegou à região. Antigamente, apenas um poço artesiano abastecia todo o povoado.

As pessoas pegavam água numa cacimba<sup>1</sup>. Dona Lourdes explica que uma pessoa entrava na cacimba e ia raspando a escassa água que ficava no fundo, para, então, colocar essa água em uma latinha. Enquanto isso, outra pessoa ficava em cima, para puxar a água e colocar em um balde grande. Depois, punham a lata de água na cabeça e levavam até as casas, para cozinhar e beber.

Na hora de lavar as roupas, eram necessárias longas caminhadas até o tanque do município, que ficava a, mais ou menos, dois quilômetros. Para isso, as mulheres saíam às quatro e trinta da manhã com bacias de roupas nas cabeças e baldes nas mãos. Chegando lá, elas pegavam a água doce do tanque e lavavam

---

1 Conferir glossário na página 109

as roupas agachadas, debruçadas sobre as bacias. Só voltavam para casa no fim da tarde, após as roupas secarem.

Até hoje, a única água doce é a que vem da chuva. Todo o resto é salobro, por conta das propriedades do solo da região. Por isso, quem não tem uma cisterna, que armazena água doce captada da chuva, não pode ter chuveiro elétrico, já que as partículas de sal queimam a resistência. Dona Lourdes lembra que antes também não tinha banheiro. “A gente ia lá fora da casa, no mato. O banho era gelado, de caneca. Já hoje nada disso mais é preciso, tem banheiro, tem tudo. Tem poço artesiano, tem água encanada em casa, tem pia”, conta agradecida.

As casas eram sem reboco, sem pintura, de chão de terra batido e sem forrar. Como não tinha água pra limpar a casa, não tinha porquê ter piso. Agora, as casas são todas forradas de PVC e com piso, banheiro, pia, tanquinho, máquina de lavar roupa e o principal: água em todas as torneiras.

As cisternas realmente mudaram a vida no sertão. A partir de 2003, um projeto do ex-presidente Lula para a região semi-árida, que inclui Queimada de Claro, beneficiou a população com um milhão de cisternas. Além disso, atualmente, todas as casas do povoado contam com água encanada e, por mais que seja salgada, é possível realizar as atividades domésticas sem dificuldade e, principalmente, plantar o ano todo.

Segundo a agente de saúde Litinha, antes da implantação das cisternas pelo governo, pouquíssimas casas tinham poço artesiano, pois os custos para a construção eram altos. “A região não é 100% seca, mas também não é chuvosa. Com as cisternas, têm como armazenar a água da chuva e aprender a conviver no sertão sem sofrer com a seca. Antes era muito sofrimento, todo ano o povo tinha que sair daqui e ir para São Paulo procurar trabalho, já que, por causa da seca, não tinha água e não tinha o que comer também”, lembra.

Cada cisterna é capaz de armazenar 16.000 litros de água, que, geralmente, é utilizada para beber, cozinhar, lavar roupas e, em algumas casas, para tomar banho. Elas são abastecidas nas épocas de chuva, no verão, e, dependendo dos hábitos de consumo e quantidade de pessoas em cada família, pode durar o ano todo. Para as outras atividades, como limpar a casa, ou quando as chuvas são poucas, é utilizada a água salobra.

A energia ninguém sabe ao certo quando foi instalada, porém, quando chegou, fez uma enorme diferença na vida dos moradores de Queimada de Claro. Antes disso, eram usados candeeiros a base de óleo diesel para realizar as atividades básicas durante a noite. Nada de geladeira, muito menos televisão. A iluminação pública ainda é precária, e a noite é comum longos trajetos com pouca luz, visto que existe uma distância muito grande entre os postes do povoado.

## A prestativa Litinha

Queimada de Claro não possui uma unidade de saúde própria, já que a regra do Ministério da Saúde para a implantação de postos de equipe médica é válida apenas para comunidades com no mínimo 2.000 cidadãos, muito além do número de habitantes do povoado. O posto de saúde mais próximo fica em Lagoa do Boi, a três quilômetros. Lá, é feito atendimento médico, principalmente para casos de pronto socorro, além da distribuição gratuita de remédios.

A referência mais próxima quanto a atendimentos rápidos é a agente de saúde Litinha, conhecida por toda a população. No entanto, seu trabalho é de prevenção e ela não possui formação nenhuma na área da saúde. Está preparada para aferir pressão e fazer curativos de emergência. Por exemplo, se uma pessoa se corta e está sangrando muito, ela faz a limpeza e o curativo rápido para que a pessoa possa ir até o posto,



Litinha, agente de saúde de Queimada de Claro

mas não é necessariamente esse o trabalho dela. “Isso eu faço como ser humano mesmo”, comenta.

Litinha explica que a sua principal função é aconselhar a população sobre hábitos saudáveis, como praticar exercícios, dormir oito horas por dia e ter uma boa alimentação. Com o seu jeitinho cuidadoso e o sorriso estampado no rosto, ela passa de casa em casa com a sua bicicleta, perguntando por todos, principalmente as pessoas de idade.

Quando surgem casos mais graves como cirurgias e internações, os moradores do povoado se dirigem até a capital para serem atendidos. A prefeitura de Barro Alto disponibiliza o transporte e a hospedagem gratuita para atender as necessidades da população de Queimada de Claro e outros povoados do município.

## **O comércio**

No domingo que estivemos lá, pudemos ir à tradicional feira de Salobro, que reúne comerciantes da região de Canarana e dos povoados próximos. Conforme íamos percorrendo as bancadas, percebemos que a feira é dividida em duas partes; uma praça com verduras, frutas, legumes, que é ligada por vielas lotadas de clientes e barracas até uma segunda praça, com roupas, eletrônicos e utensílios domésticos.

Em determinado momento, sentimos um cheiro muito bom, que nos levou a um estande de ervas finas e produtos naturais. Conversamos com o Neginho, dono da barraca, que gentilmente, nos contou quais

produtos ele comercializa. “Aqui tem de tudo, né? Canela de velho, carquejo, capim de lanceta, oliveira, alho-do-mato, linhaça, gergelim, alfazema, erva-doce, camomila, erva sene, chá verde, contra-erva, moringa, pau tenente, puxuri da noz moscada, óleo de palma, óleo de copaíba, sucumbira, muquiuba e também tem a parte de temperos naturais”, detalhou.

Em geral, poucos insumos são de produção própria. Muitos dos feirantes acabam comprando os alimentos de produtores locais para revender na feira. “Os feirantes de Salobro compam nos Ceasas e revendem aqui pra gente. Nós compramos na mão deles quando não estamos conseguindo produzir”, explicou Silvinho. Ou seja, basicamente, muitas vezes os produtores compam seus próprios produtos e de seus vizinhos.

Andando por salobro, também pudemos notar que a maioria dos comerciantes da feira tem um horário muito parecido. Neguinho, por exemplo, sai de



O feirante Neguinho

casa entre 2:30 e 4 horas da madrugada. Ele chega na feira em torno das 4:30 da manhã, assim como Elzo Marques de Souza, um vendedor de legumes e verduras que conquista todos que passam com sua simpatia e cantoria.

Também conversamos com Cícero Ribeiro da Cruz, vendedor de óculos e eletrônicos. Ele nos contou que compra os produtos na cidade de Irecê, mas que na verdade eles vêm de São Paulo e são repassados para ele re-vender. “Hoje mesmo tá difícil, mas quando vende, normalmente é uns 200, 300 conto por dia. Depende, né? Isso quando tá bem, mas tem dia que não faz nem isso”, confessou.

A feira e os comércios de Salobro, assim como a lotérica, onde é possível pagar contas e fazer saques de contas da Caixa Econômica, são visitados constantemente pelos moradores de Queimada. O povoado conta apenas com um pequeno mercadinho, que vende os produtos de necessidades mais básicas. Para encontrar produtos mais específicos ou fazer transações bancárias mais elaboradas, é necessário ir um pouco mais longe, até Irecê, a 70 km, onde o comércio é maior e é possível ter acesso a agências bancárias.

### **Escola Municipal José Teixeira**

No meio da terra avermelhada, as paredes recém pintadas da Escola Municipal José Teixeira chamam a atenção por quem passa pelo povoado. O branco e o azul refletem o sorriso no rosto de Maria Léia Alves

de Souza e Silvaneide Rosa de Souza, duas mulheres que lutaram muito para que a escola fosse restaurada.

Ao entrar na escola, é nítido que ocorreu uma transformação recente ali. E quando Leinha começou a falar sobre o local, fez questão de frisar que tudo que estávamos vendo era novo. Até porque, antes da reforma, não existia cantina, nem muro. Só tinha um banheiro para todos os alunos. Hoje dois banheiros atendem as crianças e funcionários. “As salas eram feias, as paredes todas caindo aos pedaços, não tinha cerâmica, era tudo bem simples”, recorda Leinha.

Segundo as professoras, havia 15 anos que a escola não recebia uma reforma, nem sequer uma nova pintura. Tudo ali foi conseguido com muita luta pelos funcionários e pais de alunos, que cobram constantemente a Secretaria de Educação do município. A reforma só saiu do papel quando entrou o dinheiro das precatórias do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização



Silvaneide e Leinha

do Magistério (FUNDEF).

Faz pouco tempo que a escola passou a ter recursos. Agora, existe um caixa escolar. Antes, tudo era mantido pela Secretaria de Educação e “eles mandavam sempre o que sobrava. Não adianta eu ficar aqui dizendo que não era, porque era”, afirma Silvaneide. Foi então que essas escolas do campo se uniram e se cadastraram no caixa escolar, quando um funcionário assume como pessoa jurídica toda a gestão financeira da instituição. Agora, o dinheiro vem direto para a escola.

Leinha, que costumava ser a tesoureira, passou o cargo para Silvaneide e só as duas podem sacar esse dinheiro em nome da escola. Com isso, elas finalmente podem comprar o que precisa. “Antes, a gente fazia uma atividade usando papel por dia, não podia usar mais, porque não tinha. A gente fazia tudo com mimeógrafo, que é um objeto onde se prepara uma matriz com a atividade. Aí, coloca álcool, coloca no papel e roda as atividades. Isso porque, às vezes, faltava tinta na impressora e não tinha como comprar. Hoje, folha a gente tem à vontade, impressora, computador”, conta Leinha.

O governo municipal fornece para as escolas do campo apenas os livros didáticos. O restante, como estojo, lápis, papel e caderno, fica por conta dos pais dos alunos. Com o dinheiro do recurso da escola, Silvaneide e Leinha compram materiais de reserva, para quando o aluno não tiver, a escola emprestar.

Mesmo com as dificuldades, 32 crianças de 4 a 11 anos estudam lá atualmente e conseguem ter acesso à educação de qualidade. Todas as crianças são do povoado e frequentam regularmente as aulas. Elas chegam às 8h e saem às 11h30, contando com um carro que as levam e buscam.

O horário certo de saída seria às 12h, mas a escola de Queimada de Claro e as outras instituições do campo lutaram por esse direito de sair meia hora antes porque, enquanto nas escolas maiores, como em Gameleira e Barro Alto, existem inspetores que cuidam das crianças nos 30 minutos de recreio, na Escola Municipal José Teixeira isso não existe.

“Como a gente não tem inspetores, ganhamos esses 30 minutos liberando antes. Nós falamos para eles que, se quiserem colocar um inspetor, a gente dá aula até às 12h, senão, libera mais cedo. Também tem o problema do carro, que precisa pegar os daqui primeiro, porque o mesmo carro também pega os alunos mais velhos daqui para levar para a Formosa, onde estuda o fundamental 2. Então, tem que ser mais cedo aqui, pra dar tempo”, afirma Silvaneide.

Três funcionários concursados, sendo duas professoras e uma merendeira, que faz também a faxina, trabalham na escola. “Agora a gente tem duas auxiliares, porque nós temos alunos especiais. Foi do ano passado para cá que a gente conseguiu essas auxiliares, porque, antes, só nós duas que tomávamos conta de tudo. A gente se juntou com os pais dessas crian-

ças e lutamos para conseguir o direito aos auxiliares para eles”, conta Leinha.

Também tem o diretor e a coordenadora, que dirigem sete escolas do campo. Por isso, eles não ficam na escola em tempo integral, apenas passam visitando, e toda quarta-feira têm uma reunião com as professoras para realizar o planejamento da semana, além de fazer repasses de informações.

As séries são multisseriadas, ou seja, crianças de idades próximas assistem a uma mesma aula. Segundo as professoras, isso tem pontos positivos, já que a criança pequena, das séries iniciais, aprende com a criança maior, das séries mais avançadas. Então, a letra cursiva, por exemplo, ninguém tem trabalho de aprender. Quando sai do grupo cinco para o primeiro ano, os alunos aprendem com facilidade, porque já têm contato com a letra cursiva desde os quatro anos de idade.

O fato de Queimada possuir uma escola própria é visto como um avanço para as professoras e moradores da comunidade. Isso faz com que o povoado cresça, seja valorizado, além de ser benéfico para as crianças pequenas, que não precisam ser deslocadas para povoados vizinhos todos os dias.

Mesmo com as turmas multisseriadas, os pais acreditam que seus filhos têm mais chances de aprender ali porque as classes são menores, com cerca de 15 alunos cada, possibilitando um atendimento mais próximo das professoras. Em escolas maiores, o nú-

mero sobe para 40. A partir do Fundamental 2, as crianças passam a frequentar as escolas das comunidades vizinhas, principalmente as de Formosa e Gamoleira, onde a quantidade de estudantes é maior.

## **Longas distâncias até o ensino superior**

Silvaneide, que é do povoado vizinho, Lagoa do Boi, se orgulha em dizer que começou a faculdade de pedagogia depois dos 40 anos. Como a universidade fica em Barro Alto, a 40 quilômetros de distância, todo dia era uma viagem sofrida para conseguir o estudo, mas, mesmo assim, conseguiu pegar o seu diploma em 2016.

Já Leinha, que trabalha na escola de Queimada de Claro há 30 anos, conta que não fez faculdade, só tem o magistério. “Quando chegou faculdade aqui mais perto e eu podia fazer faculdade, eu já estava muito cansada, então eu não tive coragem de enfrentar. Falta muita faculdade aqui na região”, explica.

As professoras dizem, no entanto, que o incentivo ao ensino está crescendo cada vez mais na região. Hoje, praticamente já não existem mais analfabetos no povoado, a não ser entre os mais idosos. Além disso, algumas pessoas já frequentaram o ensino superior, ou planejam frequentar.

Entre uma conversa e outra, conhecemos Quitéria e Marina, de 14 e 12 anos. Elas moram no povoado, estudam em Formosa e já planejam cursar uma faculdade no futuro. Cheias de sonhos, as garotas

gostam de conversar com as amigas e, algumas delas, como Quitéria, pretendem sair um dia de Queimada para descobrir novos lugares.

Deixar o povoado, infelizmente, é uma necessidade para quem quer cursar uma faculdade. As opções mais próximas estão em Barro Alto e Irecê, que ficam a bons quilômetros de distância. Além disso, nem todos têm condições de pagar as mensalidades de uma universidade particular e transporte ou moradia no município em que elas ficam localizadas.

Para ter acesso ao nível superior gratuitamente, as opções mais próximas são os campus de Irecê, a 66km, e Seabra, a 96km, do Instituto Federal da Bahia e da UNEB, Universidade do Estado da Bahia. No entanto, alguns cursos só são encontrados em universidades públicas de cidades maiores, como na capital Salvador, ou em Feira de Santana e Vitória da Conquista.

Apesar das dificuldades, o sistema de cotas e programas como o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) e o Programa Universidade para Todos (Prouni) facilitaram o acesso ao ensino superior. Com maiores informações sobre o assunto pela internet, as pessoas buscam cada vez mais pela formação de nível superior. Todavia, há incerteza sobre bolsas e incentivos do estado para a permanência dos mais pobres nas universidades, tendo em vista a visão do atual governo sobre o tema, o que pode atrapalhar o sonho de muitos jovens estudantes.



## Capítulo 4

# As Lutas



*Deus o autor da criação  
Nos dotou com a razão  
Bem livres de preconceitos  
Mas os ingratos da terra  
Com opressão e com guerra  
Negam os nossos direitos  
(Patativa do Assaré)*

Por onde se anda em Queimada, e nos outros povoados da região, é possível ver números de partidos políticos pintados nos muros das casas. A prática é comum em época de campanha eleitoral, quando candidatos visitam as vilas com suas comissões. Os partidos mais presentes são o PT (13), Partido Verde (43), PSD (55) e PCdoB (65), todos de esquerda e centro-esquerda.

As promessas de candidatos são sempre muitas e o povo não costuma esquecer de cobrar aquele que confiou o seu voto. A quadra poliesportiva do povoado de Queimada de Claro foi uma promessa de campanha do antigo prefeito de Barro Alto, Orlando Amorim Santos, que afirmou que daria uma quadra para a maioria dos povoados da região caso fosse eleito.

Assim como em todos os aspectos da comunidade, o clima de proximidade é o mesmo na política. Geralmente, os políticos da região são conhecidos por todos ali. O próprio Silvinho já se candidatou a vereador, com o slogan de campanha “humildade, ca-

pacidade e trabalho!”, mas acabou não sendo eleito.

Outro caso que nos chamou atenção foi quando, durante a nossa estadia na região, a filha do então prefeito de Barro Alto, Antonio Luciano Batista, faleceu em decorrência de câncer e a comoção foi geral. As crianças não tiveram aula e muitos foram até o velório. Nos mostraram fotos da família e lamentaram por a moça ser tão jovem e ter deixado marido e filhos pequenos.

A mesma familiaridade é sentida quando se fala sobre o ex-presidente Lula. Sempre que o seu nome surge em uma conversa, dá para sentir o sentimento de gratidão que a maioria das pessoas ali têm pelo político. “Nos anos noventa, não existia Bolsa Família. Muita gente passava necessidade. Hoje, não falta o que comer. O governo, quando instaurou esses benefícios, pensou no pobre”, comenta Sirleide Maria Alves, que deixou a Bahia nos anos noventa para trabalhar em São Paulo e agora pôde voltar para o sertão.



Silvinho exhibe seu número de campanha

## Programas sociais

O Bolsa Família, criado em 2003, é um programa do governo federal que consiste na ajuda financeira às famílias em situação de pobreza e extrema pobreza, com renda de até R\$178 mensais por pessoa. O principal objetivo é acabar com a fome, promovendo segurança alimentar e nutricional aos beneficiados, além do acesso a outros direitos sociais básicos como saúde, educação e assistência social.

“O cartão do Bolsa Família, geralmente, vem no nome da mulher, porque o governo percebeu que, quando se dá na mão do marido, o homem muitas vezes gasta em cachaça ou outras coisas, e não traz o alimento para dentro de casa, para os filhos. O programa também foi criado na época do Lula. É pouco dinheiro, mas já ajuda, né”, comenta Silvinho. O fato do auxílio financeiro vir em nome das matriarcas trouxe ainda mais independência a muitas mulheres que antes dependiam exclusivamente do dinheiro de seus maridos.

Além do Bolsa Família, o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), em conjunto com o Banco do Nordeste, promove um auxílio ao pequeno produtor. Chamado de “Agroamigo”, o programa investe cerca de cinco mil reais na roça do agricultor familiar. Esse valor pode ser utilizado para comprar equipamentos agrícolas, mangueiras, bombas de água para os poços artesianos e até para adquirir alguns animais, como gado suíno,

bovino e ovino. Porém, o dinheiro só pode ser utilizado na criação de animais ou no plantio irrigado. Em casos de plantios sequeiros<sup>1</sup>, o dinheiro não é disponibilizado.

No povoado, muitas famílias usam dos benefícios sociais, principalmente quando a safra e a plantação não está muito boa. Por causa da seca, acontecem situações em que o agricultor pode perder tudo o que plantou durante um bom tempo. Por isso, é importante que os moradores da região sejam cadastrados em vários programas de auxílio ao pequeno produtor, para que não tenha prejuízo caso haja algum problema com o cultivo.

“No Seguro Safra, a pessoa faz um cadastro de pequeno produtor. Tem que ser pequeno, mini mesmo, é que nem o Bolsa Família, só para quem não tem renda, emprego com carteira assinada e realmente precisa. Você tem uma área pequena e faz o Seguro pela Secretaria de Agricultura da Prefeitura. Aí, quando a pessoa se inscreve, tem que pagar um boletim de oito reais e cinquenta centavos, que é a contrapartida do produtor, e o governo municipal paga o dobro do produtor. Se for necessário resgatar o seguro, é o Governo Federal e Estadual que pagam”, diz Silvinho.

O valor de oito e cinquenta para se inscrever no Seguro Safra é apenas para o estado da Bahia, já que

---

1 Conferir glossário na página 111

existe um acordo em que o governo estadual paga não só a parte dele, como também metade da parte do produtor. O governo estadual paga mais uma parte e o resto fica por conta do governo federal. Caso o produtor perca a safra, ele pode declarar para o estado, que envia técnicos para fazer um levantamento que comprove se houve mesmo a perda e qual a porcentagem de dano à safra. O levantamento é feito por município, então, se teve uma perda geral no município, todo mundo que tem o seguro recebe. O valor a ser coletado é dividido em seis parcelas de 170 reais.

Com a ajuda desses programas, o povo de Queimada consegue levar a vida de uma maneira mais tranquila, sem que precisem migrar para outros estados do país em busca de emprego. “É disso que o pessoal sobrevive aqui. Quando a plantação não tá boa, pega o Bolsa Família, pega o Seguro Safra e pega os projetos de empréstimo do Banco do Nordeste, ou então a aposentadoria de alguém da família. E vai plantando, né? Uma hora dá lucro, outra hora dá prejuízo e assim a gente vai remando”, comenta Silvinho.

## **A Romaria das Águas**

Pensar no pobre e no morador do semi-árido foi algo realmente revolucionário no governo do ex-presidente Lula, no ponto de vista de muitos moradores da região. Litinha explica que o petista escutou as demandas feitas pelo próprio povo na Romaria das Águas, um evento da igreja católica em conjunto com órgãos de luta dos trabalhadores do campo, como a

## Comissão Pastoral da Terra (CTP).

Foi por meio das reivindicações feitas que os moradores da região semi-árida conquistou as cisternas, indispensáveis para quem vive ali. O projeto foi autorizado pelo ex-presidente petista após análise dos relatórios da Romaria das Águas de 2002. A ideologia do movimento é a de que todos merecem uma vida digna, com justiça aos menos favorecidos e direitos assegurados, em principal o direito à terra e à água, considerados sagrados.

Todo ano, na primeira semana de julho, o povo do sertão e de outros lugares, como do interior de Minas Gerais e de São Paulo, se organiza em caravanas e vão até Bom Jesus da Lapa, na Bahia, onde é realizado o evento. Em Queimada, a responsável pela van que faz o transporte é Litinha. Ela conta que, geralmente, vão cerca de 50 pessoas da região, todos os anos. Chegam na quinta-feira, ficam até domingo participando das reuniões e missas.



Cisternas fornecidas pelo governo Lula

Em Bom Jesus da Lapa, existe uma igreja natural de pedra, esculpida em uma gruta. Lá, são realizadas missas e, simultaneamente, são feitas reuniões, chamadas de plenarinhos, para discutir os direitos dos trabalhadores, situações de desigualdade e abusos. Cada plenarinho discute um tema específico e depois é feito um grande plenário, no qual é apresentado o que foi levantado nas assembleias menores. Tudo é gravado em vídeo e por escrito. No final, essas atas são enviadas para as autoridades competentes, como o presidente da República ou os ministros de cada setor.

*De Sergipe e de Alagoas  
de Minas e da Bahia  
venham todos os romeiros  
à festa da romaria  
juntar esforços, lutar  
preparar um novo dia.*

*Mais de dez Léguas andei  
tangido do meu sertão  
sem rumo e sem futuro  
sem terra, sem direção.  
Do meu Bom Jesus da Lapa  
venho pedir a benção.*

*Senhor Bom Jesus da Lapa  
salvação do mundo inteiro  
conforto de quem padece  
guia certo do Romeiro  
este povo retirante  
pede terra e paradeiro.*

*Bem-vindos sejam à Lapa  
os Romeiros do Sertão  
que vieram de tão longe  
para fazer sua oração  
voltem para suas labutas  
com o Bom Jesus no coração.*

Mensagem da “missão da Terra Prometida  
aos Romeiros de Bom Jesus 1978”.

“A Igreja Católica tem um papel fundamental para reunir as pessoas em luta de muitas causas sociais. Antigamente, existia a questão da Reforma Agrária e muita gente morria por causa dela. A igreja se juntou ao povo para lutar a favor da Reforma Agrária sem precisar de confronto. Lutar pela distribuição da terra, porque, afinal, ela é para quem planta, e não para quem quer acumular e dizer que tem uma enorme extensão de terra. Então, precisa haver uma divisão”, explica a agente de saúde.

Também são debatidos na Romaria temas ambientais, reforma trabalhista e da previdência, entre outros. Litinha se orgulha de participar sempre do evento e de lutar pela melhoria de vida dos que pouco tem e que, muitas vezes, têm seus direitos - até os mais básicos - oprimidos ou renegados. Por isso, é bem incisiva ao falar de algumas situações que acontecem no Brasil e a importância da união popular para

a busca de uma sociedade melhor.

“A gente sabe que tem pessoas injustiçadas no país, né. Os índios que têm a demarcação das suas terras invadidas, onde usam pra tirar madeira e não respeitam. Também tem aquele pessoal que vai para o Sul trabalhar nos canaviais e trabalha como escravo, onde, até hoje, tem gente trabalhando em fazenda de cana – entra lá e só sai quando pagar o que deve. Aí, não paga nunca, porque tem que comprar tudo lá dentro e tudo é caro. Eles não conseguem pagar e ficam tendo que trabalhar sem poder sair. Para sair, tem que sair fugido, como se tivesse roubando ou como se tivesse matado alguém”, comenta.

Ainda falando sobre injustiças sociais, Litinha ajeita os óculos e lembra que, na última Romaria da Águas em que compareceu, um dos temas principais foram as tragédias de Mariana e Brumadinho. As vítimas das mineradoras foram até o evento e relataram sobre o que aconteceu e como vem sendo suas vidas enquanto aguardam o processo judicial. Claramente solidarizada, ela lamenta que “muitos ainda não receberam nenhum tipo de indenização. É muita injustiça e sofrimento”.

## **A reforma agrária**

Como nos contou Silvinho, existe uma espécie de reforma agrária natural na região de Queimada. Todas as famílias têm sua terra, por menor que seja. Trabalham nela, garantindo o sustento de cada dia.

Essas terras vieram de seus bisavós, que no início do povoado, chegavam por lá e ocupavam uma terra devoluta<sup>2</sup>. Assim, eles passaram a construir suas casas e a plantar ali.

É perceptível como a visão política dos moradores é bastante uniforme sobre a terra como um direito básico do cidadão. Com a lei do usucapião, de 1916, data próxima ao início do povoado, os mais pobres começaram a ter o direito às terras e passaram a ser independentes em suas produções. Como as pessoas já estavam há mais de cinco anos utilizando a terra, a solução do governo foi dar um título de doação para as famílias.

Mais tarde, quando houve uma tentativa de titulação das terras, a maioria dos moradores não tinham o documento da terra. Às vezes, tinham um Imposto sobre a Propriedade Territorial Rural (ITR), um recibo de compra e venda de um morador que passou para outro, ou um documento provando que ele pegou uma terra por ali, se instalou, demarcou, foi no cartório mais próximo e registrou o local em seu nome. Depois, passava esse recibo para outro com título de usucapião e assim sucessivamente.

Foi o Instituto de Terras da Bahia (INTERBA) que promoveu a chegada da regularização das terras

---

2 Terras públicas sem destinação pelo Poder Público e que em nenhum momento integraram o patrimônio de um particular, ainda que estejam irregularmente sob sua posse.

do povoado. Silvinho trabalhou em uma empresa do Rio de Janeiro contratada pela organização para fazer os serviços de titularização em Queimada de Claro. Os documentos feitos pelo instituto são válidos até hoje, e a única coisa que o governo cobra de alguns moradores são alguns impostos de acordo com o tamanho do terreno.

Nesse momento da conversa, Silvinho coça a cabeça e diz que todos têm que declarar a sua terra, mas só paga imposto quem possuir terreno acima de 60 hectares. Abaixo de 60, o morador está isento. “Vocês até podem ver por aí que tem umas pessoas que falam ‘eu pago meu imposto’, mas na verdade eles pagam apenas um técnico pra mandar lá pra receita federal. Aí, você paga entre 10 e 20 reais. A pessoa sai dizendo ‘eu pago meu imposto de 15 reais por ano’, mas quando vai ver, ele não tá pagando, não, porque a terra dele é menor do que 60 hectares”, acrescenta.

Antes da posse de terras para os pequenos produtores e dos programas de infraestrutura que levaram a água, a vida no sertão era considerada semi-nômade. As famílias estavam sempre em busca de lugares onde poderiam plantar e criar algum gado, ou fazendas onde pudessem oferecer sua força de trabalho. Mas, quando a seca castigava as plantações, o trabalho acabava ou a terra era tomada por latifundiários, tinham que partir. Na busca por emprego, o destino de muitos era o sudeste.



## Capítulo 5

# As Idas e Vindas



*São Paulo, eu te agradeço  
de todo o meu coração  
São Paulo de gentes boa  
terra da garoa que tem toda nação  
Eu cheguei em São Paulo  
com um pé calçado e o outro no chão  
E o primeiro serviço que eu arrumei  
foi trabalhar em uma construção.  
(Seu Joaquim)*

Entre um café e outro na casa de dona Lourdes e seu Joaquim, aparece Leidinha. Sempre sorridente e falante, Sirleide Maria Alves voltou a viver na Bahia depois de muitos anos trabalhando em São Paulo como empregada doméstica e babá. Ela conta que deixou a filha, Gêssica, ainda pequena com a mãe e foi em busca de trabalho na capital aos 16 anos.

Longe de sua filha biológica, ela viu a filha da sua patroa crescer e se tornar médica. Com o suor do seu trabalho, mandava dinheiro e presentes para Gêssica, comprou uma casinha no Jardim Miriam, bairro da zona sul em São Paulo e construiu sua casa em Lajedinho, povoado onde nasceu, na Bahia. Nunca tirou da cabeça que voltaria a morar perto de sua família novamente.

Hoje, Leidinha mora em Queimada de Claro com o seu marido, Erisval Bonfim, que também sempre levou uma vida com um pé no sertão e o outro em São Paulo. Trabalhando como pedreiro,

ele passa temporadas na capital e, quando o serviço acaba, volta para na Bahia, onde realmente se sente em casa. Esse é o retrato de muitas pessoas dali. Geralmente, as mulheres se deslocam para trabalhar como domésticas ou babás e os homens para realizar atividades braçais, em construções ou fábricas.

Eles explicam que trabalhar no sudeste era uma necessidade nos anos 1990 e começo dos 2000. Apesar de sempre terem trabalhado na roça, o dinheiro não era suficiente, ainda mais para quem tinha uma filha para criar, como Leidinha. Felizmente, isso mudou. Atualmente, o casal tem sua casa própria e conseguem viver tranquilamente com a renda da plantação de mamona e alguns trabalhos que ainda realizam.

Longe de suas terras, é comum que os nordestinos que vivem em São Paulo criem e cultivem laços entre si. Normalmente, já chegam na cidade conhecendo um ou outro parente que está morando por lá. Nem sempre se adaptam aos gostos dos paulistanos e, por isso, acabam criando seus próprios pontos de convivência, onde podem matar a saudade.

A xenofobia é uma realidade que Leidinha já sentiu na pele. “As pessoas olham diferente”, comenta a baiana. Isso colabora para que os nordestinos residentes em São Paulo procurem se relacionar, em grande parte, entre eles próprios. Existe um bar no bairro da Praça da Árvore, onde muitas pessoas de Queimada se encontram.

O sentimento de pertencimento à terra onde nasceu é grande e é nítida a felicidade em poder estar de volta. “Fico feliz em saber que minha filha não precisa sair do estado para buscar oportunidades”. Assim como ela, muitas outras pessoas de Queimada voltaram para lá depois de anos trabalhando em São Paulo.

## **O serelepe Seu Joaquim**

Contar um pouco da história de Seu Joaquim é essencial, até porque, ele é um personagem à parte na nossa viagem. Desde o primeiro momento em que pisamos em Queimada, ele, sempre cheio de energia, nos acompanhou para todo lugar em que andávamos, inclusive em algumas entrevistas. Nas várias caminhadas, nos contava sobre a vida de alguns moradores e, muitas vezes, falava sobre sua própria história.

Nascido em Iraquara, a 50km de Queimada, desde criança, Seu Joaquim começou a trabalhar cuidando de criação, levando gado de um lugar para o outro. Aos 17 anos, foi para São Paulo em busca de trabalho, já que, na roça, não conseguiria muitos trocados. Como não tinha dinheiro nem para comprar uma passagem de ônibus, viajou mais de 2000 quilômetros em um pau de arara até o bairro do Brás, no centro da capital, onde, em conjunto com a “turma”, saltou do veículo.

“Eu fiquei naquele Brás sem saber pra onde que eu ia. Depois, chegou um amigo meu e falou ‘tu quer

ir pra construção mais eu?’, eu falei ‘vamos!’ e ele me disse ‘me acompanha’. Aí, eu cumpanhei (sic) ele, que me levou numa construção lá na Alameda dos Guatás (Bairro da Saúde - SP). Lugarzinho muito bom! Nós trabalhamos bastante e o patrão gostou do nosso serviço. Ali, fiquei por muito tempo trabalhando como ajudante de pedreiro. Eu não tinha profissão”, relatou.

A partir daí, Seu Joaquim começou sua trajetória na cidade grande. Construiu uma casinha no Parque Bristol e até hoje, quando volta para São Paulo, fica nesse bairro, pelo qual tem grande carinho. Porém, após um período na construção civil, começou a estudar em cursos técnicos na área de metalurgia e, assim, conseguiu seu primeiro emprego de carteira assinada na fábrica da Arno<sup>1</sup>, localizada no bairro da Mooca.

Depois, partiu para a sua primeira experiência no setor automotivo, trabalhando na Brasinca (Chevrolet), Ford e depois na Máquinas Piratininga. Nesse meio tempo, a vontade de voltar para a Bahia sempre batia no peito. Mas, como trabalhar na indústria dava muito mais dinheiro do que trabalhar na roça, voltar de vez para o nordeste era muito complicado.

Das Máquinas Piratininga, Seu Joaquim guarda com carinho as lembranças de ter trabalhado lá. Foram 30 anos de serviços prestados. Começou como executor de prensa e logo o colocaram como opera-

---

1 Empresa brasileira de produtos eletrodomésticos.

dor de tornos. Muito cuidadoso, modelava peças que serviriam na construção de maquinário em geral.

E Seu Joaquim foi trabalhando lá, até que a empresa passou por um corte de funcionários. Nesse momento, ele pediu para sair, porém, teve o pedido recusado pelos seus patrões, que o seguraram por mais alguns anos. Mesmo tendo muitos amigos despedidos, continuou trabalhando ali, até que completou 22 anos de serviço. As Máquinas Piratininga deram a Joaquim o direito de se aposentar. Entretanto, o INSS não liberava a aposentadoria até que houvesse 25 anos de contribuição. Não foi bem isso que aconteceu.

“Quando foi com 30 anos de serviço, aí eles me deram aposentadoria. Não é que deu, aprovou, né? Aí, quando eu me aposentei mesmo, o INSS me pagou os cinco anos desde que eu tinha dado entrada na minha aposentadoria. Ele pagou todinho e deixou eu aposentar depois do tempo de serviço. Eu con-



Joaquim Pedro Fernandes, aposentado

tinuei trabalhando na Máquinas Piratininga, mesmo aposentado. Eles deram uma reformada lá nos meus documentos e trabalhei mais um tempo. Depois, saí e vim embora. Vim aqui pra Bahia e entrei nesse ‘cruzeiro véio (sic) aqui’ e tô até hoje. Aqui é bom demais!”, acrescenta.

Para agradecer seu tempo em São Paulo, Seu Joaquim compôs a música que inicia este capítulo do livro. Guarda a composição em um velho caderno. Além dela, compôs outras canções, incluindo a que conta sobre uma das suas despedidas de Queimada de Claro, até a chegada no estado paulista.

*Eu cheguei em Seabra, parece até brincadeira  
Já não encontrei passagem, fiquei lá a noite inteira  
As três horas da manhã, até parece mentira  
Ali ia chegando um ônibus de Salvador a Brasília*

*Eu comprei a passagem e na minha poltrona fui sentando  
E as três horas da tarde em Brasília eu ia chegando  
Fui logo comprar a outra passagem e a moça veio falando  
Passagem só a meia-noite, se quiser fica esperando*

*Eu comprei a passagem para seguir o meu destino  
Quando à meia-noite, ia chegando um granfino  
Eu entrei nesse ônibus que em seguida foi partindo  
Passei logo em Uberaba, Uberlândia e Diamantina*

*E pra encerrar a história, quando foi em poucas horas  
Eu já estava em Campinas, que é cidade paulista*

*Ela é muito conhecida e vizinha do Parque Bristol  
Eu cheguei no Parque Bristol, todos estavam me esperando*

*Logo puseram o almoço, com prazer fui almoçando  
E aqui encerro essa história, a viagem foi com demora  
Mas com fé em Nossa Senhora  
Inda viajo outro ano*

Joaquim Pedro Fernandes

## **De volta à Queimada**

“E agora que o senhor voltou, como que está sua vida?”, perguntamos. “Tá boa! se eu tivesse lá em São Paulo, meu salário tava pouco, mas tava melhor do que aqui. Mas, graças a Deus, aqui eu vivo bem, porque trabalho e ajeito os meus cantinhos, né? Gosto muito daqui. Lugar que eu me nasci”, responde ele, agradecido.

O relato de Seu Joaquim é apenas um entre as várias histórias contadas por quem precisou ir embora de Queimada para conseguir trabalho e uma melhor condição de vida. João Andrade, amigo de longa data de Seu Joaquim, já rodou o Brasil atrás de todo tipo de serviço. No Paraná, trabalhou com plantação de cana, algodão e até na colheita de mel de abelhas oropa<sup>2</sup>.

Com 88 anos e as mãos calejadas, Seu João con-

---

2 Tipo de abelha, conhecida como abelha-europa.

tinua batendo enxada em Queimada de Claro. Ativo, tentamos encontrá-lo duas vezes indo até a sua casa para tentar entrevistá-lo e, na primeira, não conseguimos, devido ao trabalho dele na roça. “Pela idade que a gente tem, hoje trabalha devagar. Quando eu era novo, ia trabalhar cinco da manhã lá na serra e tinha vez de chegar aqui meia noite” afirma.

Assim como Joaquim, Seu João fez questão de viver sua velhice em Queimada de Claro. Observamos que, como todos os moradores se conhecem, existe um sentimento de união em volta das pessoas de lá, além de uma identificação grande com a terra e a roça. Portanto, quase ninguém quer deixar o povoado para buscar trabalho em outras regiões e, se o fazem, é por necessidade.

Litinha tem dois filhos que vivem em São Paulo e conta que um deles pretende voltar para a Bahia o quanto antes. A outra só permanece na capital porque se acostumou a morar na cidade grande ainda criança. Ela diz que os moradores de Queimada não vão para o Sudeste com tanta frequência como antes. Com a chegada da água e as melhorias nas condições para o trabalho na roça, muitos optam pela permanência no povoado.

“As pessoas gostam daqui, querem voltar pra cá, aqui é bom demais, só esse ar que a gente respira aqui. Eu não dou esse ar daqui por lugar nenhum do mundo. Quando vou pra lá visitar meus filhos, dá 15 dias e eu já estou pra morrer de falta de ar, não

aguento. Não sei como vocês vivem naquela cidade respirando aquele ar. Eu chego aqui, abro a porta da minha casa, o vento bate no meu rosto e penso ‘meu Deus, que maravilha, que coisa boa esse ar puro’. Tem uma poeirinha, mas é uma poeira saudável, não tem poluição. A terra não faz mal pra ninguém, agora, a poluição e a fumaça que tem em São Paulo, Deus me livre! Ainda bem que não preciso mais ir pra lá viver”, completa.

### **Sempre conectados**

Desde 1999, existe uma empresa especializada no ramo de Internet no centro-oeste baiano, buscando garantir que o acesso chegue até os lugares mais longínquos. Em Queimada, a internet se tornou realidade por volta de 2009.

Quanto à comunicação com os parentes que vivem em outras cidades, a internet reforçou os laços das famílias de Queimada de Claro e do sertão como um todo. Na maioria das casas do povoado tem internet wi-fi, o que facilita na hora de conversar com os amigos distantes. Além disso, a cobertura 3g funciona no povoado, mesmo que seja apenas com uma operadora.

Pelas redes sociais, o pessoal se comunica entre os que estão próximos, sobre questões que envolvem o município, e ficam por dentro do que está acontecendo na vida dos parentes que moram em regiões distantes. Compartilham fotos, vídeos e as últimas notícias sobre o que está acontecendo por lá.



## Capítulo 6

# Os Costumes



*Eu sou cobra criada na caatinga  
Já conheço as tocas do caminho  
Meu alforge é carregado de oração  
Aprendi a ser valente com Lampião  
Mas a minha arma de fogo é a fé  
Acredito em Jesus de Nazaré  
E na força do povo do sertão  
(Jambo)*

As imagens de santos nas prateleiras da maioria das casas em Queimada de Claro não deixa negar que a população do povoado é majoritariamente católica. A primeira missa realizada ali aconteceu em 1986, embaixo de uma árvore, por um padre italiano que passava pela região em uma de suas missões. Logo depois, foi erguida a igreja do povoado, que se mantém até hoje.

A igreja foi feita com a força e o dinheiro de um mutirão da comunidade. Pertencente à paróquia de Barro Alto, do Sagrado Coração de Jesus, e à Diocese de Irecê, é regida pelo bispo Dom Tomásio, que fica em Irecê, e pelo padre Fransuilson de Souza, que mora em Barro Alto e celebra a missa em Queimada uma vez por mês.

Além da igreja católica, há também uma igreja evangélica, Assembléia de Deus. Ela surgiu no povoado por volta de 2009 e realiza cultos todas as quintas-feiras e sábados, sempre às 19h30. No entanto, segundo Litinha, são poucos os evangélicos do povoado, “no máximo umas 10 famílias que frequentam”.

Apesar de só haver esses dois centros religiosos no povoado, também podemos perceber algumas características do espiritismo, da umbanda e do candomblé na região. Muitos acreditam em simpatias, banhos de ervas para curas, trabalhos, macumbas, benzedeiras, videntes e espíritos. As religiões se misturam na cultura popular.

### **A visita à benzedeira**

Durante nossa visita à Cercado, Dona Lourdes resolveu passar em uma benzedeira com Seu Joaquim, que faria uma cirurgia. “Para pedir proteção e ver o que tá atrapalhando”, comentou ela. Resolvemos aderir a ideia e nos consultar também, afinal, toda proteção é bem-vinda.

Ao entrar na sala da benzedeira, um de cada vez, era possível ver um pequeno altar, com imagens de Cosme e Damião e Iemanjá, velas acesas, um copinho de cachaça e dinheiro deixado pelos fiéis como oferta. Toda vestida de branco, a mulher usava um terço enquanto fazia algumas orações.

Com a mão em nossas cabeças, ela pergunta se tem algo em específico que queremos saber ou tratar. Nos benze da cabeça aos pés e analisa como está a nossa espinhela ao juntar nossos braços em posição de oração e medir da ponta do dedo mindinho até o cotovelo. Depois, de um ombro ao outro.

Quando a espinhela está boa, as duas medidas são iguais, é porque a pessoa está bem. Quando não,

é porque está “caída”, podendo ser sinal de mau-olhado. Depois de nos benzer, ela recomendou que Sergio tomasse um banho de perfume Alma de Flores. Já a Giovanna, disse que estava muito bem, só reza bastava.

## **Os causos da mata**

Na estrada de terra usada para chegar até o povoado, é preciso passar por uma encruzilhada. Ali, é comum ver algumas oferendas – também chamadas de despachos – dos mais variados tipos que muitas pessoas deixam por lá, independente do motivo, e que fazem parte da cultura e fé do local.

Quando chegamos em Queimada e ouvimos histórias curiosas sobre seres sobrenaturais, logo nos falaram que Seu João seria a pessoa certa para conversar com a gente. Muito vivido, ele sempre está a tagarelar no bar, contando seus causos e situações que até deus e o diabo duvidam.

Fomos até a casa do homem de mais de 80 anos de história e, entre biscoitos e suco de acerola, servidos gentilmente pela sua esposa, Dona Elsa, tivemos uma longa conversa, na qual ele nos contou muitas de suas aventuras. Conhecedor de vários mitos populares do folclore da região, jura já ter visto a maioria deles com os próprios olhos.

A “tocha”, como é chamada uma assombrações, é descrita como uma bola de fogo que aparece no ar e persegue as pessoas. Seu João conta que já viu

a “tocha” em 1962, quando foi com alguns amigos em uma serra onde tinha muito minério. “Aquilo é metal e gente chama de livusia<sup>1</sup>. É bem brilhante! Lá, já deu muita pedra, eu mesmo, e mais quatro amigos, já pegamos umas pedras de cristal que tinha lá. Quando foi contar tudo deu 101 mil cruzeiros. Naquela época, isso era muito dinheiro”, afirma Seu João. Até mesmo Silvinho e outros moradores juram que já foram perseguidos pela “tocha”, que vive como uma grande lenda do povoado.

Em outra história, Seu João conta que ele e mais cinco amigos estavam caçando tatus na região. “Só caça quem é doido mesmo, né?”, brincou. Até que, em determinado momento, Seu João ouviu um dos cachorros que os acompanhavam latir bem alto. Como ele era o mais próximo, foi correndo ver o que estava acontecendo. Quando chegou lá, viu a Caipora

---

1 Conferir glossário na página 110



Dona Elsa, Seu João e Seu Joaquim

batendo no animal. A medida que foi se aproximando, o ser se afastou do cachorro e saiu correndo.

“O cachorro, tadinho, ficou cambaleando, querendo sair. Ela bateu com a cabeça dele no umbuzeiro<sup>2</sup>. Quando eu peguei o cachorro, eu botava ele em pé e ele caía. Aí, eu passei a mão na cabeça dele e achei que tava sangrando, mas era só suor, porque o bichinho correu muito, tava amedrontado. A Caipora é a deusa da caça, né? Ela deu um monte de paulada nele. Ele chamava Perí. Uma hora, Perí levantou e saiu correndo atrás da Caipora pra pegar ela. Depois que não achou, voltou pra gente”, conta o homem. Ele acredita ter passado por isso para receber uma lição da personagem folclórica que defende os animais e a mata.

No meio da conversa, Seu Joaquim interrompe João e lembra que já foi atacado por um lobisomem. Segundo ele, o ser o atacou no caminho de volta para casa e dizia que o bicho o encarava sorrindo de uma maneira muito feia. Quando o lobisomem partiu pra cima dele, ele desviou e correu por outro caminho. Quando olhou para trás, ele não estava mais lá.

“Ele é igual a um cachorrão cabeludo, é quase do tamanho de um jegue. Ele espoja<sup>3</sup> na casa de fariinha, e depois que ele espoja, toma uma respirada e começa a virar lobisomem. É encantado esses (sic) bi-

---

2 Conferir glossário na página 111

3 Conferir glossário na página 110

cho do mato”, comenta Seu Joaquim, enquanto bebe mais um gole de suco.

## Os cheiros da comida do sertão

Durante a nossa estadia em Queimada, provamos muitos sabores. Os cafés da tarde sempre tinham alguma fruta fresca típica. O verde e azedinho embu, o maracujá da roça, completamente diferente do maracujá amarelo tão conhecido em outras regiões, o coquinho licuri, cozido no fogão a lenha e quebrado com uma pedra.

Zélia, filha mais velha de Dona Lourdes, nos apresentou a peta<sup>4</sup>, ou avoador<sup>5</sup>, um biscoito frito feito da farinha de tapioca. Delicioso com café! O beiju era a estrela do café da manhã, assim como a “pipquinha”, como chamam o biscoito de polvilho. A

---

4 Conferir glossário na página 111

5 Conferir glossário na página 109



Zélia fritava avoadores no fogão à lenha

rapadura também estava sempre em cima da mesa, para tirarmos lasquinhas quando desse vontade de adoçar a boca.

O feijão mais usado não é o carioca, nem o preto, mas sim o catador<sup>6</sup>, seja em caldo ou tropeiro, com farofa. A galinha caipira é feita com bastante coentro e açafrão. A carne de porco vinda direto da criação dos quintais também é comum, chamam ele de “porquinho preto, da roça”. O cheiro forte e característico dos temperos podiam ser sentidos de longe.

A carne seca sempre foi muito utilizada na região, já que antigamente não existia energia elétrica e, conseqüentemente, geladeira para refrigerar outros cortes. O povo gosta de beber bastante, comer água, como eles chamam, e assar uma carninha. Os homens geralmente se encontram para fazer farra, principalmente depois dos jogos de futebol.

### **Um baba para todos**

A quadra poliesportiva, que fica localizada no centro do povoado, é um dos principais pontos de encontro dos moradores. Nas segundas e quartas-feiras, as meninas ocupam a quadra para jogar bola, às terças e sextas-feiras, é a vez dos meninos. Túlio Alves dos Anjos é quem fica responsável por cuidar do espaço e garantir que tudo esteja em ordem. Segundo ele, a quadra é pública, porém, se falta alguma coisa,

---

6 Conferir glossário na página 109

como coletes, bolas e redes, ele vai até a Secretaria de Esporte de Barro Alto pedir por mais equipamentos.

Túlio conta que antes da quadra, era muito difícil incentivar o esporte na região, visto que as traves eram feitas de madeira e jogar na terra não é o ideal. “Essa quadra foi feita em 2008 e mudou bastante. A gente ficou com mais vontade de jogar futebol e foi melhor, principalmente para as crianças”, conta.

O Escovados Futebol Clube é o time de futsal que representa Queimada de Claro em torneios masculinos. O time feminino ganhou forma em 2018, se chama Equipe Angels e recentemente contratou um técnico para começar a disputar campeonatos nos povoados vizinhos.

Quando fomos para a quadra acompanhar uma partida das meninas, pudemos ver o técnico cobrando as jogadoras e ajustando posicionamentos e táticas. Quem treina o time masculino é o próprio Túlio, que além de jogar, também é auxiliar fora do campo. Além disso, treina as crianças de 4 a 10 anos.

Algo que achamos curioso é que a maioria dos moradores de Queimada torcem para times do sudeste, ao invés de torcerem para os times baianos, como o Vitória e o Bahia. Isso acontece, primeiro, pela distância da capital Salvador e, segundo, porque antigamente, como não havia uma rede de televisão própria do estado, a programação estava vinculada aos estados do sudeste, principalmente Rio de Janeiro.

ro e São Paulo. Então, muitos dos jogos que passavam na tv aberta, eram dos times de lá.

Porém, com a internet, ficou mais fácil de acompanhar os times de coração, além, é claro, dos campeonatos estrangeiros que passam na televisão a cabo. É comum ver pessoas usando camisas de times como Flamengo, Palmeiras e Corinthians, mas também é comum ver crianças com uniformes do Paris Saint Germain e do Barcelona.

Quando é dia de jogo dos times de coração, o compartilhamento de memes no WhatsApp é grande e todo mundo provoca os vizinhos de times adversários. Independente de quem joga ou não, torce ou deixa de torcer, o futebol une a comunidade. Durante os babas, sempre fica um pessoal resenhando<sup>7</sup> e não perde a oportunidade de tirar sarro de alguém quando um gol é perdido.

## **A poesia de Gêssica**

Durante uma das partidas de futebol das meninas, conhecemos Gêssica Alves de Oliveira, 26 anos, filha de Leidinha. Seu gosto pelo rap e pela poesia chamou nossa atenção. Ela nos contou que começou a escrever com 12 anos e sempre gostou de colocar em rimas aquilo que pensava e sentia.

A literatura e a música nordestina marcaram o Brasil, principalmente com os cordéis. Não à toa,

---

7 Conferir glossário na página 111

escolhemos algumas dessas poesias para abrir cada capítulo deste livro. Géssica nos mostrou que essa cultura continua viva e que ganha novos traços a cada geração, incorporando novos elementos e referências, como o rap.

“Gosto de escrever letras de rap porque ele mostra a realidade das coisas, do dia a dia e do que acontece no mundo”, comenta. Suas maiores inspirações são Mano Brown e Edi Rock, dos Racionais MCs. Um de seus poemas, “O Portal da Transformação” fala justamente sobre o poder dos jovens para tornar o mundo um lugar melhor.

*O mundo é um abrigo  
Que precisa de cuidado  
Vai para o lado bom  
Não para o lado errado*

*Cada um faz suas escolhas  
O jovem é inteligente  
Estuda, batalha e luta  
Sabe o que tem em mente*

*A meta é alcançar  
O primeiro passo é o estudo  
O jovem é o verde  
A esperança que tem o mundo*

*O jovem planta a semente  
Seu conhecimento é um dom  
Dá-se o exemplo ao mundo*

*Certamente no futuro  
Colherá o fruto bom*

“O Portal da Transformação”, de  
Géssica Alves de Oliveira

## **Os festejos**

No Nordeste, existem alguns feriados regionais que só são comemorados por lá e fazem parte da cultura e dos rituais de crença das pessoas. Na Bahia, as festas de São João – padroeiro da amizade – começam antes do dia 24 de junho, que é o dia oficial do festejo, e se estendem até a primeira semana de julho, passando também pelo dia 29 de junho, que é o dia de São Pedro, o responsável pelas “portas” do céu.

Nessa época do ano, as pessoas saem do litoral e grandes centros para aproveitar o feriado no interior. É muito comum artistas do cenário musical – principalmente do forró e sertanejo –, fazerem shows em cidades pequenas do estado Baiano. Próximo à Queimada, acontece o São João de Irecê, que é um das festas mais tradicionais da Bahia.

O São João baiano é caracterizado por encontrar os seus amigos na praça, curtir alguns shows e se esbanjar nas comidas típicas, além de apreciar a pirotecnia dos fogos de artifício pelo estado. É normal, por exemplo, encontrar pessoas vendendo amendoim cozido com casca, milho no espeto e licores dos mais

variados tipos e sabores.

Quando chegamos em Queimada, já havia se passado a época de São João. Porém, perguntando para as pessoas sobre o assunto, era nítido que existe uma adoração e uma ligação regional muito forte, não só com as festas em si, mas também por ser uma comemoração católica.

No final do ano, o Natal de Queimada faz muito sucesso na região e movimenta bastante a comunidade. Bem diferente dos natais tradicionais, lá, o pessoal se reúne na praça e juntam vários carros com caixas de som, fazendo uma grande festa. Entre as músicas, o arrocha é o estilo mais presente. O feriado é tão esperado que até pessoas de povoados vizinhos, como Lagoa do Boi, Gameleira e Souto Soares, vão para lá festejar e comer muita água\*.

### **Um até logo**

Se fosse por dona Lourdes e Seu Joaquim, ficaríamos por lá até o ano novo. “Já vão embora nessa quarta-feira mesmo?”. Pois é, dona Lourdes, tivemos que ir. E, quando estava chegando a hora de partir, gentilmente, Seu Joaquim veio até nós e colocou alguns trocados na gibeira<sup>8</sup> de cada um, para que pudéssemos fazer uma merenda na viagem de volta. Além disso, pediu encarecidamente para que “os netos dele” voltassem em breve.

---

8 Conferir glossário na página 110

Juntamos as coisas nas malas e entramos no carro para ir ao posto de Salobro esperar o ônibus que nos levaria para Salvador. No caminho, passamos de novo pela quadra, pela encruzilhada e por toda a estrada de terra. Dirigindo, Fernanda brincava dizendo que não gostava de despedidas e que, se “enricássemos” com esse livro, deveríamos mandar a parte dela, por ter sido a motorista durante nossa trajetória por lá, sempre nos levando para todo lado em busca de entrevistas e boas fotografias.

Fernanda tinha razão, despedidas nunca são fáceis, principalmente para nós, que criamos um vínculo afetivo com a comunidade ao conhecer a vida daquelas pessoas e conviver com elas, mesmo que por apenas seis dias. Relembramos tudo que fizemos nesse meio tempo e, já saudosistas, pensamos sobre quando retornaríamos ao povoado que fez a nossa viagem ser inesquecível.





# Glossário



## A

**Atravessador:** comerciantes varejistas ou produtores intermediários que compram produtos direto do pequeno produtor para revender

**Avoador:** biscoito frito feito a base de farinha de tapioca. Também é chamado de peta.

## B

**Baba:** partida de futebol, a famosa “pelada”.

**Beiju:** iguaria também chamada de tapioca. No nordeste, a farinha é chamada de tapioca e o beiju é a massinha de farinha, feita na frigideira.

**Beneficiar:** seleção e limpeza dos alimentos para posteriormente serem vendidos.

## C

**Cacimba:** poço fundo onde contém água. Cova aberta, geralmente em terreno úmido, onde se pode atingir o lençol freático.

**Catador:** tipo de feijão, também conhecido como fei-

jão-de-corda.

Causos: histórias, mitos ou piadas que são contados em conversas informais e passados de geração em geração.

Comer água: beber com os amigos, relacionado à encher a cara de cachaça, geralmente em festas.

## E

Espanjar: deitar e rolar, agitando o corpo.

## G

Gibeira: bolso da roupa. Refere-se ao bolso do “gibão”, uma vestimenta típica dos vaqueiros nordestinos, parecido com um paletó.

## L

Licuri: fruto do ouricuri, uma palmeira nativa do bioma da caatinga, muito conhecido no sertão. Similar ao coco, cabe na palma da mão e sua polpa é comida crua ou cozida.

Livusia: fantasma, assombração.

## P

Peta: biscoito frito feito a base de farinha de tapioca. Também é chamado de avoador.

## Q

Quiabento: vegetação cheia de espinhos, geralmente utilizada para cercar terrenos.

## R

Resenha: conversar, bater papo.

## S

Sequeiro: terreno não regadio, seco.

## U

Umbuzeiro: pé de umbu, fruta típica do semiárido nordestino.



# Retratos



Seu Joaquim observa plantação irrigada



Dona Lourdes usando rodo no forno da farinha de mandioca



Corredores da feira de Salobro



Casa antiga de chão batido em Cercado -BA



Dona Lourdes e Seu Joaquim seguram Licuris



Mercadinho do povoado de Queimada de Claro



Muro da Escola Municipal José Teixeira



Silvinho e Marcos nos levam até o Galpão de Cenoura



Seu Joaquim nos leva até plantação de cenoura



Mamona após ser quebrada



Criação de gado em Queimada



Quadra poliesportiva do povoado



**Fotos**

Giovanna Castro e Sergio Pantolfi

**Diagramação**

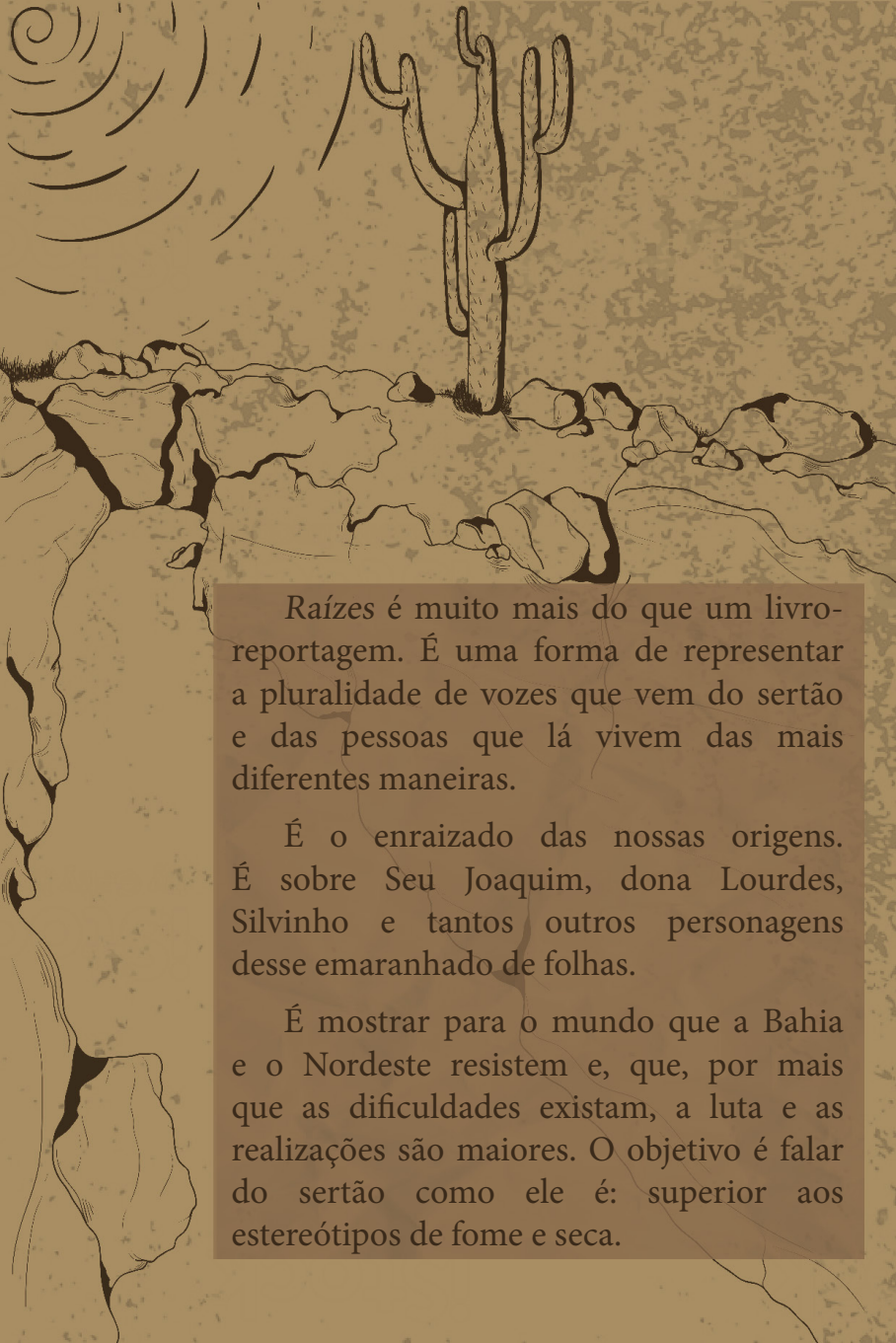
Giovanna Castro e Juliano de Freitas

**Capa e contracapa**

Raffaella Oppici

**Orientação**

Prof<sup>a</sup> Dra. Angela Maria Grossi



Raízes é muito mais do que um livro-reportagem. É uma forma de representar a pluralidade de vozes que vem do sertão e das pessoas que lá vivem das mais diferentes maneiras.

É o enraizado das nossas origens. É sobre Seu Joaquim, dona Lourdes, Silvinho e tantos outros personagens desse emaranhado de folhas.

É mostrar para o mundo que a Bahia e o Nordeste resistem e, que, por mais que as dificuldades existam, a luta e as realizações são maiores. O objetivo é falar do sertão como ele é: superior aos estereótipos de fome e seca.